

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS

KEYLANE RAMOS DOS SANTOS

**Identidade de Gênero Masculino e Feminino a partir dos Jornais de  
Teresina na Década de Setenta do Século XX.**

PICOS – PI  
2019

KEYLANE RAMOS DOS SANTOS

**Identidade de Gênero Masculino e Feminino a partir dos Jornais de  
Teresina na Década de Setenta do Século XX**

Monografia apresentada ao Curso de  
Licenciatura Plena em História, do Campus  
Senador Helvídio Nunes de Barros, da  
Universidade Federal do Piauí.  
Orientador: Prof. Dr. Fábio Leonardo Castelo  
Branco Brito.

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí**  
**Biblioteca José Albano de Macêdo**

**S577i** Santos, Keylane Ramos dos.  
Identidade de gênero masculino e feminino a partir dos jornais de Teresina na década de setenta do século XX. / Keylane Ramos dos Santos. -- Picos,PI, 2019.  
51 f.  
CD-ROM: 4 ¾ pol.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História). – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2019.  
“Orientador(A): Prof. Dr. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito.”

1. Identidade de Gênero. 2. Masculino. 3. Feminino. 4. Teresina-PI. I. Título.

**CDD 305.31**

*Elaborada por Rafael Gomes de Sousa CRB 3/1163*



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros  
Coordenação do Curso de Licenciatura em História  
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 – Picos-Piauí  
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: [coordenacao.historia@ufpi.br](mailto:coordenacao.historia@ufpi.br)

### ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos dezenove (19) dias do mês de junho de 2019, no Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **KEYLANE RAMOS DOS SANTOS** sob o título **Identidade de gênero masculino e feminino a partir dos jornais de Teresina na década de setenta do século XX.**

#### A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Dr. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito  
Examinador 1: Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro  
Examinador 2: Prof. Me. José Lins Duarte

Deliberou pela **aprovação** do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de **9,5.**

Picos (PI), 19 de junho de 2019.

Orientador (a): Fábio Leonardo Castelo Branco Brito  
Examinador (a) 1: Francisco Gleison da Costa Monteiro  
Examinador (a) 2: José Lins Duarte

À Deus, à minha família.

“Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir”. (Michel Foucault)

## AGRADECIMENTOS

Me pego pensando, diante dos agradecimentos, nos caminhos que percorri até aqui; não foram fáceis, durante o decorrer do curso tive que seguir certos caminhos e abandonar outros. Hoje posso dizer que essa caminhada da grande etapa da minha vida chega ao fim.

É com grande orgulho que agradeço a Deus primeiramente, pois sem Ele nada conquistamos, Obrigada meu Senhor, com o seu amor pude ter os alicerces necessários para a minha vida, e com certeza chegar hoje de fato a essa conquista.

Também é com grande alegria que agradeço a minha família pela força e por seus incentivos, que ajudaram a me construir enquanto pessoa e futura profissional que serei. Agradeço a minha mãe Maria Sirlene, por me colocar neste mundo, ensinando-me a ser uma pessoa de caráter. Seus incentivos sempre me ajudam a “chegar lá” a cada dia, pois a senhora é o meu ser de luz, a pessoa com quem posso contar. Mulher guerreira, que não teve estudos, mas sempre me incentivou a estudar, de uma coisa eu sei, minha vitória é a sua vitória. Obrigada minha rainha!

A você minha irmã Karine Ramos, agradeço sua cumplicidade, parceria e por ser uma irmã que se preocupa e mostra-se a melhor irmã que posso sempre contar na vida. Obrigada minha querida, por sempre estar ao meu lado me dando muita força; sendo irmã e mãe ao mesmo tempo, essa vitória também é sua, pois sei o quanto quis que eu terminasse, logo, a conclusão do meu curso. Hoje agradeço imensamente a vocês duas por me darem totais apoio durante o meu curso. É por vocês que concluo essa grande etapa na minha vida.

A finalização desta etapa também deve a pessoas que durante o curso fizeram parte desta História como os meus colegas de sala; em especial a Ramone minha grande amiga que caminhou comigo, sempre me ajudou e me incentivou a chegar aqui também; se não fosse você essa conquista também não teria acontecido. A Josiel, nem sei o que falar, você tornou-se importante nessa fase da minha vida, me acompanhou em muitas batalhas, e quando eu pensava em desistir, você sempre esteve ao meu lado, me incentivando e me ensinando a ter paciência. Obrigada por sua amizade e sua paciência, durante o curso e fora dele; essa conquista também não teria acontecido se não tivesse feito parte dela. Peço a Deus que nos guie e nos torne capacitados para esta jornada, que mesmo minha, também é de vocês.

Diante disso, agradeço aos meus professores, que foram de fundamental importância para a minha caminhada até aqui. Todos contribuíram de forma significativa para encerramento desta etapa, que mais que fim é o início de uma nova fase. Obrigada professores pelos seus ensinamentos. Não podia deixar de agradecer em especial ao meu querido professor e orientador

prof. Doutor Fábio Leonardo, pela parceria que me proporcionou e mesmo diante dos percalços não me abandonou e sempre me incentivou; essa vitória é nossa professor!

Agradeço a UFPI e aos programas de bolsa, em especial PRAEC, que foram importantes para a minha permanência na Universidade. Enfim, obrigada a todos os colegas, comunidade acadêmica que direto ou indiretamente contribuíram para a realização do meu sonho, o meu muito obrigada.



## RESUMO

Este trabalho tem como principal objetivo, compreender o papel e as identidades de gênero da figura masculina e feminina na sociedade Teresinense na década de setenta, bem como as identidades de gênero desviantes dos valores tradicionais vigentes. Apresenta assim, uma discussão sobre identidade de gênero em Teresina – Piauí, especificamente na década de 70, que teve como metodologia a análise documental, a partir de recortes dos principais jornais veiculados naquele período, O Dia, Jornal do Piauí, Estado do Piauí, O Dominical e suas publicações na imprensa local. Foi utilizado como principal fonte, os documentos do Arquivo Público do Piauí, Casa Anísio Brito. Por meio das memórias cuidadas por esta instituição, somado à literatura de Pedro Vilarinho Castelo Branco, Joan Scott, Guacira Louro e Mirian Pillar Grossi, dentre outras especializada sobre a temática gênero, bem como escritos sobre a Teresina da década de 70, pode-se descrever e analisar as percepções acerca do tema escolhido para estudo. Percebe-se que de fato, dado os acontecimentos da década de setenta, os novos comportamentos registrados e guardados ao longo dos tempos, totalmente desviante aos moldes tradicionais, caracterizaram esse período como um período de transição entre o tradicional e o moderno em termos de pensar, agir e transgredir os valores estabelecidos como corretos.

**Palavras – chave:** Identidade de gênero. Masculino. Feminino. Teresina.

## ABSTRACT

This paper aims to understand the role and gender identities of the male and female figure in Teresinense society in the seventies, as well as the gender identities that deviate from the traditional values in force. Thus, it presents a discussion about gender identity in Teresina - Piauí, specifically in the 70s, which had as methodology the documentary analysis, from clippings of the main newspapers published in that period, O Dia, Jornal do Piauí, State of Piauí, The Sunday and its publications in the local press. The main source was the documents from the Piauí Public Archive, Casa Anísio Brito. Through the memories cared for by this institution, added to the literature of Pedro Vilarinho Castelo Branco, Joan Scott, Guacira Louro and Mirian Pillar Grossi, among others specialized on the thematic genre, as well as writings about the Teresina of the 70's, one can describe and analyze perceptions about the theme chosen for study. In fact, given the events of the seventies, the new behaviors recorded and stored over time, totally deviant to the traditional molds, characterized this period as a transition period between the traditional and the modern in terms of thinking. , act and transgress the established values as correct.

**Keywords:** Gender identity. Male. Feminine. Teresina.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Charge Jornal O Dia.....	24
Figura 2. Propaganda Jornal O Dia Gordura de Côco.....	25
Figura 3. Propaganda de Geladeira Jornal O Dia.....	26
Figura 4. Propaganda Jornal O Dia.....	26
Figura 5. As tímidas que me perdõem.....	35
Figura 6. a) Notícia acerca de homossexual envolvido em furto de carro. b) Notícia acerca de homossexual envolvido em roubo de dinheiro.....	37
Figura 7. Esta beleza é um homem.....	41
Figura 8. Os 10 mandamentos dos hippies.....	43

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

UFPI – Universidade Federal do Piauí

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>1 CONSTRUÇÃO DE UMA IMAGEM DESEJANTE PARA AS IDENTIDADES DE GÊNERO EM TERESINA NOS ANOS 1970.....</b>	<b>18</b>
<b>2 IDENTIDADES DE GÊNERO MARGINALIZADAS.....</b>	<b>32</b>
<b>3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>46</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>47</b>

## INTRODUÇÃO

A importância da aproximação com os estudos relacionados ao gênero está em despertar a sensibilidade quanto às diversas realidades existentes e vivenciada por cada indivíduo. A compreensão sobre gênero e o efetivo conhecimento do termo, bem como suas acepções se dá no momento em que se desfaz os estigmas e paradigmas estabelecidos, inserindo o indivíduo, a partir da nova percepção, dentro de um universo mais crítico e aberto a novos e velhos vieses ditos “errados” pela maioria da sociedade que, diga-se de passagem, não é tão liberta e nem tão longe de preconceitos como aparenta.

Para entender as questões do estudo de gênero, Simone de Sousa *et al*<sup>1</sup>, no livro “Gênero”, mostra a ampliação do corpo, deixando para trás uma história somente das mulheres. A obra trata das vivências, cotidiano, conflitos, além de aproximações com a antropologia, promovendo análises acerca dos valores e das normas sobre as relações de “gênero”. A princípio, a leitura da obra de Pedro Vilarinho Castelo Branco<sup>2</sup> sobre o novo modelo de masculinidade que se cria em Teresina no final do século XIX e início do século XX, traz embasamento para a pesquisa que se segue e possibilita o desenvolvimento da escrita.

Na mesma linha de pensamento e por sua relevância, Joan Scott, Guacira Louro e Miriam Pillar Grossi<sup>3</sup>, dentre outros foram de extrema importância para a compreensão de aspectos intrínsecos à temática, mostrando dessa forma, que não existem fronteiras entre os sexos, não há apenas o masculino ou feminino, mas a interação entre eles, pois a história de ambos não se constrói de forma isolada, nem exclusiva.

Joan Wallach Scott<sup>4</sup>, encara gênero como uma categoria de análise, estuda os movimentos feministas e descreve a importância dos sexos dos grupos de gênero no passado histórico. Em outro artigo, intitulado Enigma da igualdade, Joan Wallach Scott<sup>5</sup>, discute conceitos quanto a gênero com base nas igualdades e diferenças entre sexos existentes na sociedade, bem como a identidade individual e em grupo estabelecida em diferentes épocas.

---

<sup>1</sup> SOUSA, Simone; NEVES, Frederico de Castro (orgs.). Gênero. Coleção Fortaleza: História e cotidiano. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

<sup>2</sup> CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. História e Masculinidade: a prática escriturística dos literatos e as vivências masculinas no início do século XX. Teresina: EDUFP, 2008.

<sup>3</sup> GROSSI, Miriam Pillar. Identidade de gênero e sexualidade. Antropologia em primeira mão, Florianópolis, UFSC/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, nº 26, p. 29-46. 1998.

<sup>4</sup> SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade. Porto Alegre, vol. 20, n. 2, p.71-99, 1995.

<sup>5</sup> SCOTT, Joan Wallach. O enigma da igualdade. Estudos feministas: Florianópolis, 2005.

Guacira Lopes Louro<sup>6</sup>, igualmente, discute as diferenças e igualdades entre os gêneros, fazendo uma construção e desconstrução entre ambos. A autora descreve grupos minoritários notáveis, expressando sua inconformidade e desencanto em relação aos tradicionais arranjos sociais e políticos. Entretanto, essas são ideias modernas, e não foi a mesma ao longo das décadas, sobretudo as que antecederam as obras desses autores.

Miriam Pillar Grossi, faz uma abordagem sobre gênero em várias instâncias. Caracteriza a identidade de gênero, a aprendizagem dos papéis sexuais na sociedade, a sexualidade num contexto amplo e relacionado à reprodução humana. Na sua argumentação, a autora desconstrói o senso comum ao descrever e narrar com propriedade essas temáticas, a partir das lutas libertárias iniciadas nos anos 60, antecedendo e embasando a posterior discussão sobre gênero.

Ainda nesse contexto, foi com um olhar curioso sobre um filme de época, que olhei profundamente para o universo da década de cinquenta, com o filme “O Sorriso de Monalisa<sup>7</sup>”, que me fez querer saber mais quanto a esse tempo de padrões estabelecidos e tecidos pela sociedade em uma década de homens, ditos trabalhadores e intelectuais, que escolhiam mulheres abnegadas desprovidas de tais adjetivos. Essa temática, porém, aguçou minha curiosidade e interesse, estendendo as análises às décadas seguintes. Chama-me a atenção o desejo e os sonhos de quase todas estas mulheres, que viviam além do seu tempo, no anseio de terem seus direitos, estudos e independência tão almejados.

Baseando-se nesses aspectos e valorizando a necessidade de investigação, é importante conhecer e fazer análise sobre gênero, sexualidade, identidades e distingui-los em termos conceituais e ainda, conseguir interligá-los, sem que as verdades cultuadas e propagadas com o passar do tempo se sobressaia diante de toda a história construída nesse sentido. Entretanto, diante de uma sociedade tradicionalista da década de 70, onde o comportamento referente ao homem e à mulher era modelado pela sociedade imediatamente antecedente, como era visto a questão de gênero e sexualidade, e ainda, qual o papel social do feminino e masculino? Quais as fronteiras existentes entre o indivíduo homem e mulher nesse período?

Diante dessa problematização, objetiva-se compreender o papel e as identidades de gênero da figura masculina e feminina da sociedade teresinense da década de 70, bem como as

---

<sup>6</sup> LOURO, Guacira Lopes. Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

<sup>7</sup> O Sorriso de Monalisa. Direção: Mike Newell, Produção: Fredward Johanson. Estados Unidos: Estudio Revolution Studios e Columbia Pictures, 2003. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aM1129I13mg>>. Acesso em 20 jul. 2018.

identidades de gêneros desviantes dos valores tradicionalistas vigentes, retratadas principalmente nos jornais em circulação naquele período.

A Teresina da década de setenta, vivenciava nessa época os sonhos do crescimento, do emprego e da moradia. Os discursos propagados pela imprensa local atraíam para a Teresina imigrantes advindos do interior e de outros Estados, esperava-se com o embelezamento da cidade, o status de capital do desenvolvimento. “Nesse sentido, a capital do Piauí, nesse momento a cidade sonhada, desenvolveu no imaginário coletivo de vários homens e mulheres a perspectiva de melhores condições de vida”<sup>8</sup>.

Para tanto, faz-se necessário, questionar acerca dos modelos impostos sobre o comportamento masculino e feminino na década de setenta; analisar nos recortes de jornais, como se dava a construção de padrões e comportamentos conhecidos na época e problematizar o posterior rompimento das fronteiras existentes sobre as questões de gênero, masculino e feminino. Nesse ínterim é analisado a regionalidade dessa temática por meio da imprensa do Piauí e a influência nacional e internacional no cotidiano do homem e da mulher Teresinense, haja vista o momento de Guerra Fria vivenciado a nível mundial e a Ditadura Militar que perdurava no Brasil, bem como as relações estabelecidas entre esta e a sociedade.

Ao descrever o Brasil da década de 70, reprimido pelos chumbos e pela severa censura do regime militar vigente, não se imagina o comportamento emblemático das pessoas contemporâneas àquela época. Contraditoriamente foi o momento em que se desenvolve o movimento de contracultura, o desbunde, que surge não apenas contra o regime de governo, mas principalmente contra a moral burguesa e os bons costumes. É por esse movimento que trafegavam os loucos, os hippies, as drogas, a guerrilha, as mulheres, os gays, detonando assim as crises pessoais e a ressaca do exílio<sup>9</sup>.

Nesse sentido, os padrões impostos pela sociedade da década de 70 torna-se bastante relevante para como pesquisadora, entender as questões de gênero, as relações acerca do homem e da mulher, além de aprofundar-se histórico e teoricamente acerca dos novos modelos impostos sobre o comportamento e as fronteiras que separam o masculino do feminino.

Dada a necessidade de conhecer e esclarecer como é construída e modificada as diferentes afirmações de gênero, toma-se como recorte temporal a década de setenta do século

---

<sup>8</sup> ARAÚJO, Karlene Sayanne Ferreira; NASCIMENTO, Francisco Alcides do. A CAPITAL DO PIAUÍ NA DÉCADA DE 1970: TERESINA SONHADA, CONSTRUÍDA E VIVIDA PELOS POBRES URBANOS. VI Simpósio Nacional de História Cultural. Escritas da história: Ver – Sentir – Narrar. Universidade Federal do Piauí: Teresina, 2012.

<sup>9</sup> DIAS, Lucy. Enquanto corria a barca: anos de chumbo, piração e amor – uma reportagem subjetiva. Editora Senac São Paulo, 2001.



XX, recorrendo como fonte de informações, conteúdos dos jornais que circularam em Teresina-PI, na década de 60, que melhor descrevem a percepção acerca da mulher e do homem na sociedade e da década de 70, onde ocorre as primeiras transições dos papéis assumidos por cada gênero. Documentos da imprensa desse período, tais como os jornais *O Dia*, *Jornal do Piauí*, *Estado do Piauí*, *O Dominical*, foram utilizados, sendo a apropriação crítica de seu conteúdo a melhor forma possível para chegarmos a um resultado sólido.

A principal fonte de informações para a pesquisa, foram os jornais de época, veiculados por meio da imprensa de Teresina nos anos setenta. O local em que esses documentos são disponibilizados para consulta e visitado no momento de formulação da pesquisa, foi o Arquivo Público do Piauí, Casa Anísio Brito, que constitui um espaço de memória em relação a história nacional. Além disso, é uma instituição de prestígio local, sinônimo de luta pela preservação e divulgação do patrimônio documental do Estado, segundo a página da web da instituição. A partir da visita ao Arquivo Público do Piauí foi possível ter o acesso, digitalização com ajuda de scanner e câmera fotográfica, culminando no armazenamento em formato digital dos arquivos.

A metodologia empregada consistiu em uma análise aprofundada do conteúdo dos referidos jornais tanto como propagadores dos valores que afirmavam as identidades de gênero vigentes na época quanto como construtores ou modificadores destes valores, no sentido de que o leitor pode ter modificado ou incorporado novos valores a partir da leitura de determinado jornal. As fontes versam sobre a época, local e quem eram os mais atingidos com os boletins. Além dessas, sites, revistas eletrônicas da biblioteca virtual- UFPI, foi de fundamental relevância para a pesquisa. Dessa forma, a partir dos documentos, foi possível fazer um estudo e analisar em que condições aquelas informações foram redigidas, com que propósito e por quem, assim como sugere Carlos Bacellar no livro *Fontes Históricas*<sup>10</sup>, ou seja, contextualizar o documento e analisá-lo qualitativamente.

Assim sendo, a observação direciona-se também à postura dos editores dos jornais em questão com o intuito de identificar o posicionamento político-ideológico de cada um, ou seja, se compactuam com a “moral cristã” propagada pela Igreja Católica e, conseqüentemente, se posicionam a favor de amantes os “bons costumes” tradicionais, ou se são mais liberais e propagam o pensamento vigente em meio à sociedade teresinense socioculturalmente transformada da década de 70.

---

<sup>10</sup> BACELLAR, Carlos. *Uso e mau uso dos arquivos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. 2ª ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Conexto, 2008.

A partir dos métodos e fontes supracitadas, tomando ideias completas ou trechos extraídos dos próprios jornais, dá-se a construção, em diálogo com a vasta bibliografia utilizada, um texto que exponha, de forma clara, as concepções no que diz respeito às formas de afirmação de masculinidade e feminilidade em Teresina na década de setenta.

Esse trabalho estrutura-se assim, em dois capítulos. O capítulo 1, trata-se da Construção de uma imagem desejante para as identidades de gênero em Teresina nos anos 1970. Assim, é descrito ao longo do capítulo a sociedade na década de 70, os comportamentos esperados ao homem e à mulher, todas as liberdades e restrições existentes e inexistentes a ambos. Parte – se, entretanto, da transição ocorrida nesse período, iniciadas na década anterior, mas que ganha repercussão nos anos 70. Dessa abordagem, discute-se elementos da imprensa Teresinense que evidencia as características sociais desse período, as já existentes e as transitórias, bem como a percepção da sociedade quanto aos novos padrões desencadeados naquele período.

O capítulo 2, por sua vez, apresenta as Linhas de fuga e identidades de gênero marginalizadas nos anos 70. Assim, as identidades desviantes, aquelas que protagonizam a ruptura dos padrões de comportamento, submissão e passividade, são descritas a partir da literatura existente e através dos jornais da época que noticiava os novos comportamentos. Os tipos de fugas identitárias noticiadas pela imprensa também foram analisadas, assim, o comportamento do homem e da mulher que diferiam dos modelos impostos, as mulheres que adquiriam sua liberdade e não necessariamente constituíam matrimônio para construir sua família, os homens que não queriam trabalhar, a recusa ao casamento por homens e mulheres e nova percepção sobre casamento, virgindade e o amor livre praticado pelos hippies. A visão social e da imprensa sobre homossexualidade, a bissexualidade, a transexualidade também foi pertinente no contexto da sexualidade e da discussão sobre gênero na década de 70.

## 1. CONSTRUÇÃO DE UMA IMAGEM DESEJANTE PARA AS IDENTIDADES DE GÊNERO EM TERESINA NOS ANOS 1970

A discussão sobre gênero teve seu início a partir das lutas libertárias na década de 60. Indiretamente é uma consequência dos movimentos sociais, tais como, “as revoltas estudantis de maio em Paris, a primavera de Praga na Tchecoslováquia, os *black panthers*, o movimento *hippie* e as lutas contra a guerra do Vietnã nos EUA, a luta contra a ditadura militar no Brasil”, ocorridos em meados de 1968 especificamente”, segundo Miriam Pillar Grossi<sup>11</sup>. De acordo com a autora, as mulheres que participavam dos movimentos, mesmo militando igualmente aos homens, exerciam um papel secundário, raramente assumindo um papel de liderança. Somado a isto, no mesmo período há um grande questionamento sobre a sexualidade, em diversos quesitos, sobretudo pela fragilidade a qual era refletida a figura da mulher e consequentemente firmando sua posição de inferioridade quanto ao sexo masculino.

Posteriormente, a partir de pesquisas norte-americanas chega ao Brasil o conceito de gênero, “que usam a categoria ‘gender’ para falar das origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres<sup>12</sup>”. De fato, a identificação de homem ou mulher, bem como o que poderia ou deveria fazer, era uma determinação imposta pela sociedade para justificar ou modelar determinado comportamento, sendo consideradas puramente biológicas, quando na verdade são influenciadas pelo convívio social.

Associa-se erroneamente gênero ao sexo feminino e masculino, entretanto, para Jaqueline Gomes de Jesus<sup>13</sup>, esta é uma classificação puramente pessoal e social das pessoas como homens ou mulheres. Tudo aquilo que é associado ao sexo biológico fêmea ou macho em determinada cultura é considerado papel de gênero. Ou seja, “Modo de agir em determinadas situações conforme o gênero atribuído, ensinado às pessoas desde o nascimento, construção de diferenças entre homens e mulheres. É de cunho social, e não biológico”. Por esta razão, o gênero é mutável, sendo ressignificado constantemente pelas interações entre indivíduos masculinos e femininos.

Em meados da década de 70, houve a pressão dos grupos feministas, gays e lésbicos no sentido de impor a sua representação de mundo nos programas curriculares de instituições

---

<sup>11</sup> GROSSI, Miriam Pillar. Identidade de gênero e sexualidade. Antropologia em primeira mão, Florianópolis, UFSC/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, nº 26, p. 2, 1998.

<sup>12</sup> GROSSI, Miriam Pillar. Identidade de gênero e sexualidade. Antropologia em primeira mão, Florianópolis, UFSC/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, nº 26, p. 4, 1998.

<sup>13</sup> JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero:** conceitos e termos. Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião.p.16, 2012.

escolares, sendo posteriormente incluído no espaço acadêmico o debate sobre diversidade sexual e gênero, como enfatiza, Nelson Fernandes Diniz<sup>14</sup>. Contudo, mesmo com a indicação dessa inserção, predominou-se a dominação dos homens sobre as mulheres e a temática homossexualidade e diversidade sexual não incitaram estudiosos, sendo estes apenas, conceitos histórico-culturais.

Ainda assim, mulheres buscaram visibilidade, acreditando na potencialidade dos empreendimentos, sobretudo onde poderiam pioneiramente se expressar, sobre diversos temas, desde as atividades domésticas e familiares, das quais comumente se dedicavam, à temas relacionados ao cotidiano, sexualidade, temas diversos. Dessa forma, “[...] assumia-se com ousadia, que as questões eram *interessadas*, que elas tinham origem numa trajetória histórica específica que construiu o lugar social das mulheres e que o estudo de tais *questões* tinha (e tem) pretensões de mudança, como afirma Guacira Louro<sup>15</sup>.

É nesse contexto que Scott defende a transformação do conhecimento histórico, ao passo que propõe gênero como uma categoria de análise. Para isso, Guacira Louro<sup>16</sup> utiliza-se de conceitos pós-estruturalistas, iniciado na efervescência intelectual do final dos anos 60, sobretudo de Derrida e Foucault.

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou pensa sobre elas que vai construir efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico.

Nesse sentido, surge o conceito de identidade de gênero, que é o gênero com o qual uma pessoa se identifica, que pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído desde o seu nascimento. De modo que o gênero identificado não está relacionado à orientação sexual da pessoa e a distinção destes dois termos, bem como a articulação entre ambos, vem sendo requisitada pelos intelectuais, sobretudo feministas, como aponta Nilsandra Martins de Castro<sup>17</sup> pois, “as justificativas para as desigualdades precisariam ser buscadas não nas diferenças

---

<sup>14</sup> DINIS, Nilson Fernandes. Educação, relações de gênero e diversidade sexual. Educ. Soc., Campinas, vol. 29, n. 103, p. 477-492, maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Data de acesso: 25 Jul.2017.

<sup>15</sup> LOURO, Guacira Lopes. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. Formação Docente–Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores, v. 3, n. 4, 2011. p. 23.

<sup>16</sup> LOURO, Guacira Lopes. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. Formação Docente–Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores, v. 3, n. 4, 2011. p. 25.

<sup>17</sup> CASTRO, Nilsandra Martins de. Algumas considerações acerca da identidade gênero e sexualidade na educação infantil. **ENTRELETRAS**, Araguaína/TO, v. 4, n. 1, p. 35-47, jan./jul. 2013.

biológicas [...], mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação, conforma Guacira Lopes Louro<sup>18</sup>.

O gênero é a representação da qual não se pode negar as implicações reais e concretas no social e o subjetivo compondo a vida material dos indivíduos. Ao contrário. A representação de gênero é sua construção e em um certo sentido pode-se dizer que a cultura e a arte no Ocidente são a marca da história desta construção<sup>19</sup>

A identidade sexual é constituída a partir da maneira como a pessoa vive a sua sexualidade, ou seja, se mantém relacionamento com indivíduo do mesmo sexo, sexo oposto, ambos os sexos ou ainda, com nenhum parceiro. Social e historicamente, esses sujeitos podem se identificar como sujeitos masculinos ou femininos e assim construir sua identidade de gênero<sup>20</sup>.

Entretanto, nem sempre o pensamento foi formulado em torno dessa proposta de identidade. Os padrões identitários estabelecidos socialmente de forma rígida até a década de 70, estabelecia um único tipo de relacionamento aceitável por diversos setores da sociedade: homem e mulher, masculino e feminino. Para Margareth Rago<sup>21</sup>, como de praxe, os comportamentos demandados a cada gênero era instituído desde os primeiros anos de vida, de forma tal que o menino era designado ao trabalho e a menina aos afazeres domésticos. Enquanto à menina a passividade, docilidade, desejo de poder no lar, instinto de maternidade são a qualidades atribuídas, ao menino são correspondentes a vocação do poder, a capacidade de tomar iniciativas, a tenacidade, o desejo de liberdade e a racionalidade.

Pedro Vilarinho Castelo Branco, descreve que no final do século XIX e metade do século XX, Teresina passa por uma transição, ao passo que acontece a urbanização da cidade, pela atração que exerce na zona rural, no interior do Estado e nos Estados vizinhos e há um desenvolvimento do sistema de ensino e a conseqüente modernização da sociedade teresinense. “O modernismo, termo que engloba os processos de modernização está em constante mudança. Desta forma, ser moderno é viver uma vida de oposições, movimento e mudanças”<sup>22</sup>. De acordo

<sup>18</sup> LOURO, Guacira Lopes. Gênero: questões para a educação. In: BRUSSCHINI, Cristina; UNBEHAUM, Sandra G. (orgs.). Gênero, democracia e sociedade brasileira. São Paulo: FCC; Ed. 34, 2002. p. 225-242.

<sup>19</sup> SWAIN, Tânia Navarro. **Heterogênero**: Uma categoria útil de análise. Educar, Curitiba, n. 35, p. 23-36, 2009. Editora UFPR.

<sup>20</sup> LOURO, Guacira Lopes. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. Formação Docente–Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores, v. 3, n. 4, 2011. p. 30.

<sup>21</sup> RAGO, Luzia Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Editora da UNICAMP, 2013.

<sup>22</sup> CASTRO, Talita Kamache Rodrigues Lima de. Entre memórias: a modernização da cidade de Teresina e as políticas públicas de saúde (1971-1975). XII Encontro Nacional de História Oral: UFPI, 2014. Disponível em: <[https://www.encontro2014.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1397516417\\_ARQUIVO\\_Entrememorias.pdf](https://www.encontro2014.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1397516417_ARQUIVO_Entrememorias.pdf)>. Acesso em: 26 Mai.2019.

com Talita Kamache Rodrigues Lima de Castro (2014), a modernidade da Teresina acontece em diversos setores. Há uma transformação física da cidade, em organização e beleza visual, bem como o disciplinamento social e as políticas públicas destinadas à sociedade.

Nesse contexto, há a necessidade de articular novas práticas sociais, é estabelecido uma exigência do modo de se portar, homens e mulheres deveriam se subjetivar como pessoas contidas, educadas, disciplinadas, úteis à sociedade, como escreve Pedro Vilarinho Castelo Branco<sup>23</sup>.

Nesse mesmo período, a nível de Brasil e no mundo, também há uma modernização das sociedades, com nuances de pós-modernismo, visto que se propagam as tecnologias como a televisão e o cinema, que influem no pensamento e no comportamento de quem entra em contato com esse novo mundo, tão distante do seu pacato cotidiano. Fábio Leonardo Castelo Branco de Brito<sup>24</sup> é atento, nesse quesito, a uma eminente mutação de valores, pois é proporcionado ao jovem novas formas de viver seu tempo, nova forma de sentir os espaços, os relacionamentos e a sexualidade, diferentemente de seus precursores.

É nesse contexto de novas experiências, como as ditas acima que são questionados os padrões comportamentais vigentes e pode-se perceber na década de 70 um caleidoscópio de vivências, uma configuração histórica onde os padrões sociais conservadores e novos padrões de sociabilidade e formas de viver a juventude são expressas nas práticas cotidianas, conforme Márcia Castelo Branco Santana<sup>25</sup>.

Com essa nova configuração e as transformações culturais que aos poucos chega em Teresina, Fábio Leonardo Castelo Branco de Brito<sup>26</sup>, menciona o artigo “Os ideais da juventude”, publicado no Jornal do Piauí em 10 de outubro de 1970:

[...] Ideais no sentido físico, material, o não espiritual, como acontecia tempos atrás. Em geral, a juventude de uns trinta a cinquenta anos escolhia como modelos de personalidades de santos – sim, santos da religião – ou homens de ciência, de armas, que tivessem levado seu nome aos píncaros da glória por exemplos admiráveis. Homens e mulheres, claro. Atualmente, isso não mais acontece. [...] Provavelmente, uma pesquisa feita entre jovens “mais velhos” digamos dos dezoito aos vinte e dois anos, daria um resultado diferente. Esse resultado, sem dúvida, também iria referir-se a uma “devoção social” – que é o sinal positivo dos tempos que vivemos –, mas com interesses mais profundos. Depois, não adianta querer acusar os jovens de futilidade, de

<sup>23</sup> CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. **História e Masculinidade**: a prática escriturística dos literatos e as vivências masculinas no início do séc XX. Teresina: EDUFP, 2008. p. 42.

<sup>24</sup> BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco. **Torquato Neto e seus contemporâneos: vivências juvenis, experimentalismo e guerrilha semântica em Teresina**. Universidade Federal do Piauí: Teresina, 2013.

<sup>25</sup> SANTANA, Márcia Castelo Branco. **Discursos, desejos e tramas: o comportamento feminino em Teresina nos anos 70 do século XX**. 2008. 152 p. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina.

<sup>26</sup> BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco. **Torquato Neto e seus contemporâneos: vivências juvenis, experimentalismo e guerrilha semântica em Teresina**. Universidade Federal do Piauí: Teresina, 2013.

irresponsabilidade, é preciso não esquecer que eles formam sua personalidade com o material que nós, adultos, pomos ao seu alcance.

Nesse trecho é possível perceber, que de fato, a modernidade está sendo sentida pela sociedade e que os jovens são os precursores das novas vivências. Não se pode afirmar que por insegurança diante do novo ou se de fato os comportamentos e pensamentos são afetados diante dos novos tempos, mas está intrínseco no texto a perda da devoção inquestionada pela Igreja de seus fiéis que mudam seus ídolos, configurando assim a falta de espiritualidade. A família é responsabilizada pelos acontecimentos e ainda pela liberdade dada aos jovens. Surge assim, um questionamento acerca dos rumos da instituição familiar no contexto das transformações culturais já expostas<sup>27</sup>.

A Igreja Católica também tinha seus interesses em reafirmar o comportamento ideal da sociedade teresinense em busca de fortalecer suas ações e presença no meio social, apresentava ao poder público e à sociedade, o seu aparato doutrinal [...] <sup>28</sup>, pois também tinha seus interesses na redefinição das identidades de gênero. Castelo Branco, lembra a forma insistente como a igreja procurava desenvolver uma prática discursiva, escriturando as identidades de gênero e as relações familiares, pois estas configuravam um problema levando tensão à sociedade, que carecia da intervenção da Igreja para discutir o tema, dar orientações e condenar atitudes.

Os discursos acerca das identidades de gênero, formulados tanto pela Igreja, quanto os pelos intelectuais letrados nesse período, tinham unicamente como intuito confrontar as novas práticas com as relações familiares, com o intuito de desequilibrar a conquista de novos papéis femininos na sociedade e a eminente perda de poder legítimo do homem na sociedade, nas relações familiares e nos relacionamentos diversos.

Contudo, torna-se incisivo o papel da igreja no meio das novas formulações de comportamentos exigida e condizente aos moldes da nova Teresina, preservando a moral e os bons costumes, principalmente em relação as mulheres que não deveriam se emancipar e viver à luz dos direitos que poderiam vir a existir. “Através de argumentos dos mais variados, mas especialmente de cunho moral, este discurso pretende fundar um novo modelo normativo de feminimidade e convencer a mulher de que deve corresponder a ele<sup>29</sup>.”

---

<sup>27</sup> BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco. **Torquato Neto e seus contemporâneos: vivências juvenis, experimentalismo e guerrilha semântica em Teresina.** Universidade Federal do Piauí: Teresina, 2013.

<sup>28</sup> Ibidem.

<sup>29</sup> RAGO, Luzia Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade.** Editora da UNICAMP, 2013. p.113.

Essa iniciativa advém sobretudo das mudanças que também envolvem a sexualidade feminina. Vários artifícios surgidos nesse período indicam e são considerados como dispositivos sexuais, nas palavras de Paulo Ricardo Muniz Silva<sup>30</sup>, implicando assim em novas leituras do corpo. Desde a vestimenta, quando passam a usar minissaia ou tangas de praia, ao invés do biquíni, promovem uma erotização do corpo feminino. Registra-se influências da música popular e das atrizes da TV que expõem seu posicionamento comportamental muito além do conhecido e permitido às mulheres teresinenses.

Por meio do jornal *Dominical* (1951)<sup>31</sup> veículo de comunicação e da prática escriturística eclesiástica, diante das transições comportamentais, exerce seu poder na sociedade em defesa da moral e dos bons costumes até meados da década de 70. Nesse modelo tradicional homens e mulheres tem definidos seus papéis enquanto homens e mulheres que são. Ao homem, a autoridade e o poder sobre as mulheres; às mulheres, obediência ao marido e cuidado, além de zelo pelas atividades domésticas e filhos. A feminilidade e subserviência é característica própria e natural das mulheres, enquanto que o homem é mais frio, duro e responsável por manter por meio de seu trabalho sua família. Essa atribuição distinta ao homem e a mulher os colocavam em lados opostos na relação matrimonial, na verdade numa relação de desigualdade, onde a mulher não tinha poder de escolha ou liberdade alguma. Qualquer ação fora desse contexto, caracterizaria uma desonra à família perante a Igreja e à sociedade. Acontece então, o controle e disciplina, por meio do exercício da instituição religiosa, tida como modelo e verdade absoluta a ser seguida.

A normatividade social, a padronização do comportamento, do ser e do agir perante a sociedade incumbia tanto ao homem quanto a mulher e este estava voltado para “novos” modelos masculinos no intuito de romper com os padrões tradicionais vigentes da década de 70. Entretanto, no início do século XX, houve a delimitação dos sexos e a exigência de uma transformação, na postura masculina, dita, tradicional, patriarcal e rude, para um novo contexto social, um homem transformado de acordo com as novas formas culturais e novos modelos de masculinidades.

A dominação masculina, sobretudo no Nordeste, como pode ser verificado nos cordéis pesquisados por Albuquerque Junior<sup>32</sup>, “é vista como algo natural, que nasceria da fragilidade

---

<sup>30</sup> SILVA, Paulo Ricardo Muniz; BRANCO, Adwar de Alencar Castelo. Dissonâncias saborosas: As identidades juvenis em Teresina entre a Cajuína e a Coca-Cola. *Contraponto*, v. 2, n. 2, p. 52, 2013.

<sup>31</sup> REVISTAS e jornais que nenhum católico pode ler. *O Dominical*. Teresina, 25 de dezembro de 1953. Disponível em: < <http://www.itaporanga.net/genero/1/GT05/04.pdf>>. Acesso em: 20 Mai. 2019.

<sup>32</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. “**Quem é Frouxo não se Mete**”: *Violência e Masculinidade como Elementos Constitutivos da Imagem do Nordestino*. São Paulo: Proj. História, 1999.



da mulher e da necessidade de sua defesa e da defesa de sua honra, numa sociedade onde a disputa entre os machos pelas fêmeas parece ser muito acirrada”. Na verdade, não há disputa alguma, pois a figura feminina não tem voz, nem vez, nas relações familiares. Seu único papel, secundário e inferiorizado, é os afazeres domésticos de cuidado à casa, filhos e marido. Tal fato pode ser verificado em uma publicação do jornal o Dia em 12 de outubro de 1972:



**Figura 1.** Charge Jornal O DIA

Fonte: Jornal O Dia, 12 out. 1972, Arquivo Público Casa Anísio Brito

Percebe-se durante a pesquisa, as questões fronteiriças que separavam e delimitavam as diferenças entre os sexos, ou seja, as fronteiras que separavam o homem da mulher e exigiam de ambos novos padrões de comportamentos sociais, que não atingisse a tradição cristã preocupada com a manutenção dos bons costumes. Difícil seria quebrar uma tradição alimentada durante séculos, transmitida de pais a filhos, de geração em geração, de forma que o homem e a mulher assumissem novos papéis sem alarmar a sociedade tão acostumada com a relação tendenciosa na qual se desenvolveu.

A imagem desejanse para o homem nesse período de transição da sociedade teresinense, é aquela na qual “sua preocupação estética reprimida, sua austeridade prefigurada em uma imagem de sisó, seu desejo carnal pelas mulheres sempre latente, mesmo que controlado<sup>33</sup>. Nesse mesmo papel, o homem seria tal como o imaginado, contudo, na sua versão urbana e moderna, sem perder seu papel de liberdade e superior diante das relações.

Observa-se que essas transformações acabavam alterando não só as questões masculinas dentro da sociedade como também é perceptível que as mulheres não ficariam de

<sup>33</sup> BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco. **Torquato Neto e seus contemporâneos: vivências juvenis, experimentalismo e guerrilha semântica em Teresina.** Universidade Federal do Piauí: Teresina, 2013. p. 38.

fora dos padrões comportamentais da época, exigindo assim da mulher não muito menos do que caberia ao seu papel, ou seja, dever de ser boa mulher e boa esposa. Dedicando-se ainda como diz Margareth Rago<sup>34</sup>, “[...] ao espaço da atividade doméstica e ao exercício da função sagrada da maternidade.”

O papel definidor da mulher seria apenas o de uma dona de casa, dedicada, preservando a moral e os bons costumes, assim como havia sido com sua mãe, avó e todas que a antecederam. O surgimento do questionamento ou menor tentativa de ruptura do poder patriarcal, fez com que desencadeasse os mais diversos excessos de cuidado em relação as mulheres de casa, a reprimenda, os conselhos, a companhia masculina em todos os deslocamentos, etc. A todo momento era reafirmado o papel feminino como mulher, esposa e mãe. Isso era evidente em jornais de circulação, no anúncio de alimentos, eletrodomésticos e até mesmo na publicidade de lojas que destinava seus aparelhos eletrodomésticos às mulheres, como mantenedora da organização do lar, como é mostrado nos registros fotográficos do jornal *O Dia*.



**Figura 2.** Propaganda Gordura de côco

Fonte: Jornal O Dia, 6 jul. 1964, Arquivo Público do Piauí, Casa Anísio Brito.

O marketing realizado pelas empresas para a divulgação e venda de seus produtos, consistia de certo modo em denegrir a imagem da mulher como um ser não dotado de inteligência e criticidade. De fato, mesmo que não fosse, essa era a imagem refletida pelas mulheres, elas não deveriam emitir opinião ou juízo diante dos fatos, sua opinião não era requisitada por terceiros e nem mesmo requerida pelas próprias mulheres. Como suas atividades não ultrapassavam os limites da cozinha e da residência, do lar e da família, os produtos

<sup>34</sup> RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar:** a utopia da cidade disciplinar 1890–1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. Os prazeres da noite. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930), 2014. p. 32.

comercializados destinavam-se somente a elas. Alimentos, como mostra a figura 2 e eletrodomésticos, como mostra a figura 3.

Margareth Rago<sup>35</sup> é pertinente nesta discussão sobre a inferiorização da mulher na sociedade, visto que esta cita o grande filósofo Rousseau que reflete sobre. Para Rousseau, a formação desta personalidade (ou ausência de personalidade), submissa e alienada, “ela deveria viver enclausurada em seu ambiente natural, o lar, assim como uma freira que sabe se restringir ao convento. Como essa, boa esposa-mãe exemplar deveria saber dirigir a casa e entender de sacrifício, de devoção, de compreensão e ternura. [...]”.



**Figura 3.** Propaganda de geladeira

Fonte: Jornal Folha da manhã, jun. 1963, Arquivo Público do Piauí, Casa Anísio Brito

Realizar o marketing de um eletrodoméstico e compilar um diálogo entre duas mulheres e afirmar que o diálogo se trata de uma geladeira, reafirma novamente a ideia de que a mulher não tem posicionamento crítico e não consegue emitir pensamento sobre qualquer tema que não seja relacionado aos afazeres domésticos. Margareth Rago associa este posicionamento perante a figura feminina ao seu papel de vida desempenhado, de mãe e dona de casa, que implicaram diretamente na sua desvalorização profissional, política e intelectual. “Os êxitos que vier a realizar serão através de seus filhos e marido<sup>36</sup>”.

<sup>35</sup> RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar 1890–1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. Os prazeres da noite. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930), 2014. p. 112.

<sup>36</sup> RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar 1890–1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. Os prazeres da noite. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930), 2014. p.91.



**Figura 4.** Propaganda do Armazém Paraíba

Fonte: Jornal O Dia, 14/15 jul. 1974, Arquivo Público do Piauí, Casa Anísio Brito.

Assim, como na vida, as mulheres, esposas, mães e donas de casas, não se conhecia outros ambientes além de casa, e nenhum grupo social além da família, ainda que suas inquietações existenciais as afligissem, não haveria como expô-las de forma terapêutica, pois ninguém haveria de considerar. Para resolvê-las, o armazém paraíba ironiza em uma propaganda de eletrodomésticos, colocando novos eletrodomésticos como a ‘cura’ de possíveis problemas pelos quais passariam, e que nada mais seriam além de blá, blá, blá.

*Se eu disser que vi um pássaro  
Sobre o teu sexo, deverias crer?  
E se não for verdade, em nada mudará o Universo.  
Se eu disser que o desejo é Eternidade  
Porque o instante arde interminável  
Deverias crer? E se não for verdade  
Tantos o disseram que talvez possa ser.  
No desejo nos vêm sofomanias, adornos  
Impudência, pejo. E agora digo que há um pássaro  
Voando sobre o Tejo. Por que não posso  
Pontilhar de inocência e poesia  
Ossos, sangue, carne, o agora  
E tudo isso em nós que se fará disforme?  
Existe a noite, e existe o breu.  
Noite é o velado coração de Deus  
Esse que por pudor não mais procuro.  
Breu é quando tu te afastas ou dizes  
Que viajas, e um sol de gelo  
Petrifica-me a cara e desobriga-me  
De fidelidade e de conjura. O desejo  
Esse da carne, a mim não me faz medo.  
Assim como me veio, também não me avassala.  
Sabes por quê? Lutei com Aquele.  
E dele também não fui lacaia<sup>37</sup>.*

<sup>37</sup> HILDA, Hilst. Do desejo. Campinas: Pontes, 1992. p. 67.

Um trecho de poema O desejo de Hilda Hilst é mencionado na tese de Maria de Lourdes Turbino Neves<sup>38</sup>, intitulada *Faces da histeria feminina: O desassossego dos sintomas conversivos e o silêncio nos estados depressivos*, no capítulo de abertura do capítulo que trata dos casos de histeria em mulheres, pacientes de Josef Breuer e Sigmund Freud. Analisado a obra de Hilda Hilst, foi destacado o trecho acima, que demonstra a posição questionadora e conflitante da mulher consigo mesma e outrem, ao não obter respostas aos seus anseios e desejos.

A histeria feminina, é uma condição reconhecida por aproximadamente 25 séculos<sup>39</sup>. Pela concepção de histeria, vários sintomas e comportamentos de mulheres estavam inclusos, a saber: raiva, emoção, “desobediência”, depressão, ansiedade, pânico e questões de natureza sexual, ambos atribuídos à condição de “ser mulher”. Essas reações eram indesejáveis em mulheres, que deveriam ser submissas, calmas e pacíficas. Esse desmerecimento de transtornos reais, ficou conhecido como Complexo de Cassandra. Segundo Sofia Soter:

o sofrimento das mulheres que, desmerecidas em seus sentimentos e atos simplesmente por serem mulheres, e conseqüentemente percebidas como “irracionais” e “histéricas”, não encontram apoio e são desacreditadas quando contam acontecimentos reais pelos quais passaram, ou sintomas que de fato sentem.

Essa concepção de mulher histórica era igualmente recorrente nos discursos na década de 70, como se a pauta das mulheres fossem apenas fruto dessa característica. A explicação é advinha do fato de negar ou reprimir os instintos femininos, sobretudo sexuais, diante do que era imposto pela sociedade<sup>40</sup>. Havia assim, um conflito entre o comportamento social esperado da mulher e sua verdadeira personalidade ou desejo, por ser a qualquer custo controlado pelo marido, pelo pai, pela sociedade patriarcalista que legitimou o papel de dominação da mulher pelo homem.

Decerto que anteriormente, havia uma repressão das próprias mulheres ao seu espaço privado ao sentir a pressão externa. Entretanto, a partir da década de 70, as mulheres se percebem enquanto tal, não sendo apenas influenciadas por forças externas, mas subjetivadas

<sup>38</sup> NEVES, Maria de Lourdes Turbino. *Faces da histeria feminina: O desassossego dos sintomas conversivos e o silêncio nos estados depressivos*. Tese de doutorado em psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2018.

<sup>39</sup> SOTER, Sofia. **Para sempre Cassandra: O mito da histeria feminina**. 2015. Disponível em: <<http://www.revistacapitolina.com.br/para-sempre-cassandra-histeria-feminina/>>. Acesso em 01 Jun. 2019.

<sup>40</sup> SANTOS, Maria Aparecida Conceição Mendonça; SALES, Vera Lúcia Rolim. **O fenômeno da histeria e a visão da sexualidade feminina na literatura: realismo/naturalismo europeu**. Rev. Interd. em Cult. e Soc. (RICS), São Luís, v. 2, n. 1, p. 109-126, jan./jun. 2016

do seu próprio eu feminino, do deslocamento de certas noções de feminilidade, perceptíveis também na realidade social. Quanto aos desejos censurados, Regina Neri<sup>41</sup> explica que:

[...] a histeria desde a sua origem remete a um corpo subversivo, a um ser em convulsão, palco de um conflito de forças disruptivas que desafia a ordem da razão. Ela se configura como corpo da verdade, do questionamento do sujeito, da identidade, da representação, apontando para processos de subjetivações móveis, resultantes de um jogo de forças em perpétuo devir, que produz diferentes destinos: o êxtase erótico, a angústia ou a doença.

A ausência de credibilidade aos pensamentos e sentimentos da mulher é apenas reflexo de séculos de submissão impensada, fazendo-a de fato acreditar na irracionalidade feminina. A mulher pós década de 70, entretanto, não dariam continuidade a esses ditos padrões da ordem social. Por isso se faz importante nos remeter a essas questões definidoras da sociedade da época, é relevante pensar sobre como essas mulheres e homens se viam diante dessas novas formas de comportamento, assim, como analisar de que forma era passado esses novos padrões, que demarcavam e delimitavam as fronteiras, quanto as questões de gênero, sobre o que é ser homem e o que era ser mulher.

Tratando-se do século XX e para entender melhor estas questões norteadoras, não podemos esquecer-nos de Pedro Vilarinho, que em seu texto “Homens Adultos” nos mostrar a sociedade piauiense no início do século XX, sob uma nova perspectiva; um novo modelo masculino para a sociedade. Modelo este que levaria a formar fronteiras entre o público e privado, ou seja, masculino e feminino.

As práticas escriturísticas dos intelectuais procuravam redefinir a masculinidade, acenando com a necessária censura para algumas práticas presentes no universo masculino tradicional, que redefiniam a masculinidade e apontavam a relação do homem com o mundo da cultura escrita, da política, do trabalho e da paternidade, como elementos diferenciadores entre as novas formas de vivências da masculinidade e as tradicionais, delimitando as diferenças entre o masculino e feminino [...].

É importante perceber na citação acima que esses novos modelos de masculinidade teriam que abrir mão do modo tradicionalista de ser, deixando para trás o papel de “homem rústico”, dito machista e patriarcalista, perante sua família. Pedro Vilarinho<sup>42</sup> nos mostra que o homem do século XX deveria tornar-se um homem polido, culto, letrado e calmo, sem uso de força física, para fazer valer suas ordens. Homem como exemplo diante da sociedade,

<sup>41</sup> NERI, Regina. **A psicanálise e o feminino**: um horizonte da modernidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

<sup>42</sup> CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. **História e Masculinidade**: a prática escriturística dos literatos e as vivências masculinas no início do séc XX. Teresina: EDUEP, 2008.

abandonando o velho e dando seguimento ao novo e as novas experiências, escolhas ou até mesmo romances.

Diante disso também podemos analisar que o papel da mulher teresinense perante tamanha mudança masculina, não muda muito, já que teriam que permanecer as mesmas, ou seja, mulheres recatadas e submissas aos seus maridos. Pode-se perceber diante desta leitura que os poucos espaços pertenciam as mulheres e seria inaceitável as mesmas fazerem parte do mesmo espaço masculino.

A figura masculina em Teresina, vem sendo construída na literatura, diante vários conceitos e análises feita sobre o homem nordestino e quanto a esta discussão Durval Muniz<sup>43</sup> nos mostra em “Quem é Frouxo Não se mete” um homem marcado pela história do seu passado, sendo marcada pela sua força, bravura, coragem, além de protetor das mulheres. Há uma exaltação da figura masculina, principalmente nas literaturas de cordéis, onde o homem torna-se sinônimo de virilidade. Durval Muniz mostra que a figura masculina no Nordeste se atribuía a homens cangaceiros, ladrões, que lutavam por seu espaço e poder; mantendo desta forma uma diferença enorme da burguesia.

Diante da leitura realizada, é importante destacar o quanto a honra masculina teria que ser provada, através do seu desejo carnal e do prazer de se ter uma mulher. Porém, também é perceptível que o papel da mulher não muda, tendo que se manter, romântica, casta, calada e sem demonstrar prazer nenhum. No entanto, o autor nos passa que as identidades de gênero nordestina são bem distintos, por isso a relevância de se pesquisar as fronteiras do masculino e feminino no século XX.

Ainda no tocando ao gênero, é relevante destacar a autora Noélia Alves de Sousa<sup>44</sup>, que acaba nos mostrando os perfis aceitáveis de masculinidade, sob um processo de disciplinarização, ou seja, comportamentos idealizados para homens e mulheres. Dentre esses comportamentos a autora evidencia o modo de vida que era preciso ter para ser visto como um homem respeitado; um homem trabalhador, esse sim seria uma pessoa desejável para os padrões da sociedade, do contrário, “o homem que fugisse das suas obrigações de trabalho seria um vagabundo, vadio, preguiçoso, explorador e marginal”.

Noélia Alves de Sousa, enfatiza que as convergências entre os papéis de homens e mulheres com a nova ordem social que se instalava em Teresina, não era somente um caso

---

<sup>43</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. “**Quem é Frouxo não se Mete**”: *Violência e Masculinidade como Elementos Constitutivos da Imagem do Nordeste*. São Paulo: Proj. História, 1999.

<sup>44</sup> SOUSA, Noélia Alves de. **Sábias mulheres: uma investigação de gênero sobre parteiras no sertão do Ceará. (1960-2000)**. 2007. Tese de Doutorado. Tese de Doutorado. UFRJ.

isolado da capital Piauiense. O desejo de superar as fronteiras existentes entre o papel da mulher e do homem na sociedade era fato, em Teresina, Fortaleza e demais capitais e Estados do Nordeste, decerto esse movimento já estava consolidado em várias partes do Brasil.



## 2. IDENTIDADES DE GÊNERO MARGINALIZADAS

*O trabalho feminino virou rotina, assim como fumar em público, fatos inconcebíveis antigamente. [...] A mulher deixou de baixar a cabeça ao dizer sim, ao dizer eu quero, eu posso, eu vou fazer.*<sup>45</sup>

Um dos maiores desafios do século XIX para os investigadores sociais é o estudo do comportamento. Assim, no entendimento da corrente classista há uma reprodução das classes, a partir da reprodução social protagonizada pelos jovens em transição para a vida adulta. Nesse contexto, as culturas juvenis são consideradas culturas de resistência<sup>46</sup>, as quais incorporam à sua cultura novos elementos por vezes discrepantes com os modelos conhecidos. Por esse motivo, novas identidades são formuladas, sendo reconhecidas assim como identidades desviantes, se pregam uma postura convergente das comumente aceitas e vivenciadas.

Dado o conjunto social, Durkheim, corroborando com as fontes até aqui consultadas, tomou os desvios como objeto de estudo, afirmando posteriormente que nas sociedades modernas, as normas e os modelos tradicionais desaparecem, sem que haja substituição destas. As identidades desviantes são assim caracterizadas, como o que não está em conformidade com determinado conjunto de normas aceitas por um número significativo de pessoas de uma comunidade ou sociedade<sup>47</sup>. Entretanto, dada a perspectiva sociológica, depende dos valores, normas, princípios éticos ou legais válidos na sociedade e na cultura na qual o indivíduo se insere<sup>48</sup>.

No contexto da década de setenta, posterior ao movimento tropicália e dadas as influências nacionais e internacionais, propagou-se os movimentos denominados contracultura, que iam contra o sistema tradicional e a cultura vigente. A cultura *hippie* e o movimento literário *beat generation*, a valorização da marginalidade literária, da liberação sexual e da experiência do uso de drogas, pode ser listados como exemplos. O corpo e as atitudes desviantes foram outros meios utilizados para passar sua mensagem de insatisfação e de inadequação a uma sociedade conservadora e um Estado repressor.<sup>49</sup>

<sup>45</sup> DEL PRIORE, Mary. História do amor no Brasil. 2. ed. — São Paulo: Contexto, 2006.

<sup>46</sup> DOMINGUES, Sara Mariana Vieira Ferreira. **As abordagens preventivas aos comportamentos desviantes: o caso de uma intervenção de base territorial.** Universidade Católica Portuguesa: Faculdade de Ciências Humanas, 2015.

<sup>47</sup> GIDDENS, Anthony. Sociologia. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 5ª Edição. p. 202, 2001.

<sup>48</sup> SIMÕES, M. Comportamentos de Risco na Adolescência. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian & Fundação para a Ciência e Tecnologia (Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas), 2007.

<sup>49</sup> BRANDÃO, Laura Lene Lima; QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. “CADA PALAVRA GUARDA UMA CILADA”: LITERATURA, CONTRACULTURA E JUVENTUDE NO PIAUÍ NA DÉCADA DE 1970. *Revista Veredas da História*, 2012.

A sociedade Teresinense da década de 70, ainda que em desenvolvimento urbanístico, caracterizando um centro atrativo para a migração de pessoas do interior e de outros Estados, cultuava os valores tradicionais de comportamento social, assim como determinado pelas instituições religiosas em suas pregações.

Os jornais em circulação, noticiavam as alterações percebidas no seu cotidiano em relação a todos os setores da sociedade Teresinense, inclusive sobre os acontecimentos em relação à comportamentos, cultura e contracultura, como ficou conhecido os movimentos desencadeados na década de 70. A contracultura é desenvolvida sobretudo por boa parcela dos jovens aventureiros contemporâneos aos anos de chumbo, censura e abalo dos padrões sociais. Haja vista a mobilização que esses jovens promoviam, seu movimento era propriamente uma contestação social. Aos conservadores, nada mais representava do que uma cultura alternativa, marginal, que tinha como intuito a desonra e a imoralidade.

Mesmo assim, esses fatos ganhavam espaço na mídia e pela forma com que são colocadas é possível associar as informações, com o contexto social vivenciado na época, como mostra a literatura e assim, fazer uma descrição de como era percebido essas transições pela sociedade de Teresina nos anos 70. O que se percebe é que a revolução sexual que teve início na década anterior no ocidente, incomodava a sociedade piauiense, que por sua tradição não admitia sexo antes do casamento ou o livre uso do corpo pelas mulheres. Assim, “as ações desses jovens eram pensadas no sentido de chocar a moral da sociedade piauiense, ainda fortemente ligada a valores tradicionais”<sup>50</sup>.

Uma das percepções ao analisar os registros disponibilizados no Arquivo Público do Piauí Anísio Brito, é que mesmo com todas as contravenções, a mulher ganha seu espaço nos jornais, seja sendo noticiada ou como escritora de notícias. Em várias edições pode ser encontrado seções do jornal destinadas ao público feminino. É evidente que nem todas as mulheres aderiram a causa e adquiriram seu lugar diante da sociedade, nem deixaram seu lar e sua família em busca de seus sonhos e desejos, mas algumas delas, sobretudo aquelas jovens, já delineavam a trajetória pela qual percorreria a partir daquele momento.

Concomitantemente, o principal discurso religioso estava relacionado à figura feminina, que assim como no modelo patriarcalista, disciplinava as famílias para ordenar suas filhas mulheres a manter o modelo considerado sagrado. “No âmbito da família, a vivência da

---

<sup>50</sup> BRANDÃO, Laura Lene Lima. “**Cada palavra guarda uma cilada**”: literatura, contracultura e juventude no Piauí na década de 1970. *Veredas da História*, [online]. Ano V, Edição 1, 2012, pp. 1-16. ISSN 1982-4238

masculinidade de pais e de irmãos, embasava-se no controle do corpo das mulheres<sup>51</sup>”. Quando criança, esta deveria ser iniciada aos afazeres domésticos, quando solteira, deveria manter a castidade para arranjar um bom casamento. Nesse momento os casamentos eram arranjados, geralmente segundo interesse das famílias de ambas as partes e o amor era cultivado após o casamento. Dados o desenrolar dos acontecimentos nesse período, as mulheres recebem um cuidado e atenção dobrados dos familiares, para que não caia em tentações do mundo moderno e assim a moça ideal era desenhada, como mostra Elizangela Barbosa Cardoso<sup>52</sup>. A Igreja, por sua vez, se vê na eminência de perder o poder de moldar os fiéis e suas famílias a seu capricho.

A moça de família ou moça direita constituía um ideal de feminilidade para as mulheres jovens dos segmentos sociais mais abastados. Tratava-se de uma representação, a partir da qual, os gestos, os jeitos, os trejeitos e o usufruto do corpo sexuado eram adestrados. Sua difusão ocorria através da educação familiar e escolar, da ação da Igreja Católica, das sociabilidades e do consumo de produtos culturais.

A preparação para o casamento é a mesma das décadas anteriores. O contato entre os noivos era muito limitado, sem nenhuma intimidade, entrevistas em lugares impróprios ou qualquer liberdade, por ser considerada uma época de grande perigo. Para amedrontar aos noivos e evitar que haja alguma relação sexual entre eles, a perda da virgindade por parte da mulher e demais ações nesse sentido, utiliza-se Deus como escudo, pois ao ofendê-lo com atos, o castigo virá após o casamento de forma proporcional<sup>53</sup>. É nesse quesito que em História da Sexualidade, Foucault<sup>54</sup> escreve que [...] Seria legítimo, certamente, perguntar por que, durante tanto tempo, associou-se o sexo ao pecado – e, ainda, seria preciso ver de que maneira se fez essa associação e evitar dizer de forma global e precipitada que o sexo era “condenado” – mas seria, também, preciso perguntar por que hoje em dia nos culpamos tanto, por ter outrora feito dele um pecado?”.

Se resistido às tentações surgidas no período de espera do casamento, após a união, a mulher deveria propagar o modelo de mãe, esposa e dona de casa ideal. Para Castelo Branco<sup>55</sup>, a mulher casada seria “O modelo ideal de mulher estava ligado à sagrada figura de Maria, mãe

<sup>51</sup> CARDOSO, Elizangela Barbosa. Moças de família e códigos de sexualidade na primeira metade do século XX em Teresina/PI. *Dimensões*, v. 36, jan.-jun. 2016, p. 31-54. ISSN: 2179-8869. p. 33.

<sup>52</sup> CARDOSO, Elizangela Barbosa. Moças de família e códigos de sexualidade na primeira metade do século XX em Teresina/PI. *Dimensões*, v. 36, jan.-jun. 2016, p. 31-54. ISSN: 2179-8869. p. 33.

<sup>53</sup> Pe. VERSSEM, Guilherme. Aos noivos. In: O Dominical. Teresina, 30 de dezembro de 1951. p. 3.

<sup>54</sup> FOUCAULT, Michel. História da sexualidade: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. p. 14.

<sup>55</sup> CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. “Catolicismo e relações familiares: a redefinições das identidades de gênero no Brasil no alvorecer do século XX”. In: NASCIMENTO, F. A.; VAINFAS, R. **Historia e Historiografia**. Recife: Bagaço, 2006. p.19.

de Jesus, ou seja, mulher religiosa, temente a Deus, passiva, submissa, servil e fiel ao marido. Nas primeiras décadas do século XX o casamento era uma instituição sagrada e toda ação que viesse a ameaça-lo era alvo de críticas pela sociedade e condenado. Isso porque o divórcio era considerado imoral; a pior chaga da sociedade; só em casos excepcionais e depois de rigorosíssimo processo<sup>56</sup>. Esse pensamento não partia somente das instituições religiosas, mas de toda a sociedade, mesmo dos anticlericais.

Entretanto, na busca de igualdade de gênero e sobretudo dos papéis desenvolvidos pelo homem e pela mulher, nas relações conjugais, o divórcio passa inevitavelmente a ser visto de outra forma, como mostra Rago<sup>57</sup>:

O divórcio é uma necessidade fundamental numa sociedade que não sabe amar, que não tem tempo para isto, que consome as energias dos indivíduos explorando-os até os limites de suas forças. Preocupadas com a sobrevivência material, como podem as pessoas neste sistema social relacionarem-se de outro modo que são competitiva e autoritariamente, ameaçadas o tempo todo de perderem seu ganha-pão, humilhados pelos dominantes.

Por séculos perdurou a ideia de que o único destino pertinente à mulher ao crescer seria o casamento. O enlace matrimonial era o auge da existência de uma mulher, através dele a mulher exerceria seus dons e poderes nos cuidados ao marido e filhos. A realização destes, seria a sua própria realização, era assim também a ideia pregada pela religião. A mulher deveria ao homem respeito e obediência, resignação. Nesse universo matrimonial não existia nenhum outro papel desempenhado pela mulher no decorrer da sua existência, não emitiam opinião, não tinham a palavra final, não realizava seus próprios desejos, apenas repreendia-os, ou esquecia-se com o tempo de que em algum momento tenha existido. Essa sina, entretanto, foi contestada, mulheres lutaram pela sua própria causa e por mais que causasse estranheza aos poucos foram virando notícia nos jornais, ganhando espaço na sociedade e aparecendo como mulher protagonista, ao seu próprio instinto.

O jornal *O Dia* passou a contar com uma coluna intitulada “Para a mulher”, escrita por uma repórter chamada Ana Paula em 1973. Nessa coluna, periodicamente, era publicado a Ficha de Identidade, na qual uma mulher respondia perguntas sobre variados temas. Em uma das publicações, duas senhoritas, gêmeas foram entrevistadas, destaco três perguntas chaves que

---

<sup>56</sup> DEL PRIORE, Mary. História do amor no Brasil. 2. ed. — São Paulo: Contexto, 2006.

<sup>57</sup> RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar 1890–1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. Os prazeres da noite. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930), 2014. p.152.

colaboram com a nossa discussão: Que penso do homem? Opinião sobre o divórcio e Que acha do casamento? As duas irmãs responderam às perguntas. Quanto ao pensamento em relação ao homem a primeira respondeu que “deve ser um elemento essencialmente cortês, trabalhador e dedicado à família”. A segunda diz que o homem é necessário e bom quando imita o seu criador. Quanto ao casamento, a primeira irmã acredita que pessoas ajustadas não pensam no divórcio e que é contra. A segunda, entretanto, diz ser contra, mas acredita que em alguns casos é necessário. Em relação ao casamento, a segunda irmã diz ser o sonho de toda moça, a outra reafirma, dizendo que só pelo matrimônio é encontrada a verdadeira felicidade.

Percebe-se que ainda que envoltas por modificações na relação entre homem e mulher, as duas entrevistadas continuam no mesmo padrão há muito existente, na qual o casamento é o maior desejo e por meio dele a mulher estará realizada. Devido a isso, o divórcio, ainda é mal visto, ainda que já exista uma percepção sobre casos mais severos nos quais a separação do casal é bom para ambas partes.

A figura da mulher continua ganhando destaque na imprensa, como mostra uma publicação do jornal *O Dia* de 07/08 de janeiro de 1973, à medida que discute a mulher que pode vir a ser, ironiza a mulher que ela continua sendo, aos moldes tradicionais.



**Figura 5.** As timidas que me perdõem

Fonte: Jornal O Dia, 07/08 jan. 1973, Arquivo Público do Piauí, Casa Anísio Brito.

O seguinte texto é escrito na coluna Mulher do jornal *O Dia*, de Iralva Mirtes (1973) mostrado na figura 5:

*Quando a gente pensa na mulher brasileira, imagina logo o charme, a malícia, o... Swing, e toneladas de “veneno”. É difícil acreditar que exista por este Brasil mulheres complexadas, ariscas, tremendo e corando diante de terceiros, sem saber o que fazer dos pés e das mãos, que se enfiem nos cantos para não serem objeto de atenção. Enfim, vítimas da timidez. Para os outros elas não passam de pessoas esquivas e apagadas, personalidades sem vida própria. No entretanto, para a tímida, o problema é muito maior: inibi, paralisa, interfere na vida afetiva, enfim é um tormento permanente. Algumas tímidas fazem do seu mal o escudo, a couraça e evitam contatos sociais,*

*reuniões, o público. Presas ao ambiente familiar como tempo passa a habitar uma espécie de deserto que povoam com fantasias e devaneios e esta vida lhes serve de álibi e compensação. Outras obrigam-se a um certo grau de sociabilidade; recebem, conversam, saem, são amáveis. Bem ou mal mantem alguns vínculos com “este mundo cruel e desumano”. Mas estes vínculos são artificiais e forçados sem vida e a tímida tem a cada instante a certeza de que está fazendo tudo errado. Em toda pessoa perturbada por conflitos psíquicos envolver-se num rótulo – sou tímida, sou feia, sou obscessiva, etc – e encerrar-se aí o assunto é cruzar os braços e entregar-se a neurose. É querer ser por toda vida um marginal da sociedade, é renunciar a uma vida sadia de dar e receber. Quem espera ser aceita pelos demais (alguns também tem ou tiveram suas neuroses) precisa abrir-se para eles, conquistar sua vontade. Lá no íntimo a tímida se considera indigna de amor uma vez que ela só quer receber e não se concede o direito a qualquer atitude que implique num mínimo de auto afirmação Ao contrário, não exige, não reivindica, renuncia, cede. Esta docilidade não lhe rende nada pois de um modo ou de outro ela termina quase sempre espezzinhada, abandonada, marginalizada. A tímida atribui aos outros a intenção de rejeitá-la para com isto validar a sua iniciativa de rejeitá-los, pois o “ninguém me quer” é a versão oficial do “não quero ninguém”. A tímida reivindica amor com ferocidade, com avidez, com mesquinhez e sem abrir mão de sua solidão desejaria todo amor do mundo quando o caminho certo a percorrer seria o dar. Dar o amor, a amizade, o diálogo, a confiança.*

Esse texto apresenta um paralelo entre a mulher do ontem a da atualidade, o que é permitido ser, mas que por força do hábito (timidez), continua a ser, mesmo que a adstração de todos seus impulsos internos. Pode-se analisar ainda alguns trechos pela óptica da histeria mencionada anteriormente neste trabalho. Não seria os sintomas psíquicos, as neuroses, o envolvimento em rótulos, algumas consequências da inibição do seu querer mais interno com o receio de mostrar-se e aparecer como dona do seu querer?

Em relação a percepção da mulher quanto ao homem ou aos relacionamentos, frases noticiadas no Jornal *O Estado* em 1973, nos dá um parâmetro de como nos grandes centros urbanos a realidade era totalmente diferenciada no tocante ao papel da mulher, tais como, “preciso de um homem e não de um marido” da atriz italiana Monica Vitti; ou ainda “Eu agora não quero mais ninguém para sempre. Tenho a hora que quero, uso e depois mando embora”. Ambas frases denotam o papel da mulher no relacionamento, não como subjugada ao marido, mas dona do seu destino e bem resolvida com o divórcio.

A partir da dissolução da ideia do casamento como meio e fim, novas formas de relacionamentos vão sendo nomeados. Ao ser percebido e estudado a sexualidade do homem e também da mulher, há uma classificação destes indivíduos, caracterizando uma sociedade moderna, como aponta Foucault<sup>58</sup>. Toda a diversidade da sexualidade humana submeteu-se a

---

<sup>58</sup> FOUCAULT, Michel. História da sexualidade: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

categorias dualistas extremamente rígidas, tais como mulher e homem; heterossexual e homossexual; certo e errado, normal e anormal<sup>59</sup>.

As identidades de gênero em Teresina são descritas a partir desse ponto. As mulheres eram catalogadas em dois extremos da moça direita à prostituta e as demais variações neste intervalo, respaldada ou desqualificada. Os homens, por sua vez, só seriam desqualificados em duas ocasiões: traído ou homossexual<sup>60</sup>. “O adultério feminino, ao pôr em xeque a honra masculina, acabava por questionar a masculinidade do homem envolvido”<sup>61</sup>. A homossexualidade, por sua vez, desde sempre é um fantasma que atormenta as famílias. Assim como as moças deveriam permanecer virgens e castas até o casamento, o rapaz, pelo contrário, deveria pôr em prática sua sexualidade e provar que de fato seria macho.

Dentre os destaques de notícias jornalísticas ao mencionar o homossexual, no jornal *O Dia* de aproximadamente 1972 a 1975, noticiam da segunda forma:



**Figura 6.** a) Notícia acerca de homossexual envolvido em furto de carro. b) Notícia acerca de homossexual em roubo de dinheiro.

FONTE: Jornal *O Dia*, 197?, Arquivo Público do Piauí, Casa Anísio Brito.

Percebe-se nessas duas notícias um certo sensacionalismo em relação a pessoa homossexual, que no caso são autores de roubos, que dada a ocasião pode ser praticado por qualquer pessoa. No entanto, entenderam haver necessidade de mencionar a sexualidade da pessoa, tornando a matéria tendenciosa ao associar a imagem do homossexual a ladrão. De fato, geralmente os homossexuais brasileiros apareciam nos jornais nas páginas policiais ou em reportagens sobre o carnaval<sup>62</sup>. Ainda que injustificável, o contexto naquele momento

<sup>59</sup> BARCELOS, J.D.M. (Con)sumindo a diferença: a homossexualidade entre a visibilidade e a massificação. 1998. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Departamento de psicologia, PUC - Rio, Rio de Janeiro, 1998.

<sup>60</sup> CARDOSO, Elizangela Barbosa. Identidades de gênero, amor e casamento em Teresina (1920- 1960). Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2010.

<sup>61</sup> SOUSA, Paula Poliana Olimpio de Melo. MASCULINIDADES DESCENTRADAS: Confusão de gêneros nas práticas juvenis teresinenses na década de 1970. Universidade Federal do Piauí, 2015. p. 25.

<sup>62</sup> GREEN, James N. e POLITO, Ronald. Frescos Trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980), Rio de Janeiro, José Olympio, 2006. p. 192

vivenciado, culminava em interpretações pessoais e coletivas voltadas ao escárnio das pessoas que fugiam do padrão de relacionamento heterossexual.

Outra vertente de pensamento quanto ao homossexualismo e suas expressões, que perdura até os dias atuais, é a que tacha a escolha sexual como desvio, doença ou perversão. “Durante anos, médicos e cientistas procuravam intervir de forma científica, física e psicologicamente, na dita anomalia que acompanhava as pessoas que se relacionavam com o mesmo sexo”<sup>63</sup>. A partir daí, crenças e tentativas de explicações influenciaram as formas de ver a prática do amor dos homens com homens e mulheres com mulheres, formas estas que começaram a ser duramente criticada após a década de 70, quando houve o surgimento da identidade gay<sup>64</sup>.

João Silvério Trevisan, relata ainda que a história dos homossexuais na década de 60 a 80, estava relacionada ao oposto do que preconizava o Regime Militar vivenciado naquele período. Uma das características do regime é justamente a repressão aos movimentos sociais e manifestações de contraculturas que feriam os princípios, a moral e o bom costume conservadores. Assim sendo, por optarem se relacionar com uma pessoa do mesmo sexo, desviava do relacionamento hétero, assim como preceitua a escritura cristã, os homossexuais eram “perseguidos e humilhados publicamente por policiais e militares que criavam razões indiretas para tais atos como atentado ao pudor, vadiagem ou consumo de drogas<sup>65</sup>.”

James Green<sup>66</sup> apresenta seu parecer quanto às publicações jornalísticas que tinham em seu contexto a pessoa homossexual.

Apesar da censura do governo durante a década de 1970, informações esparsas sobre o surgimento e o crescimento do movimento internacional de gays e lésbicas começaram a encontrar espaço na imprensa brasileira. Embora os artigos sobre a homossexualidade no Brasil variassem entre a hostilidade e a simpatia, dependendo do jornal, as notícias internacionais, ainda que pouco freqüentes, tendiam a apresentar um retrato positivo dos movimentos de gays e lésbicas em outras partes do mundo. Os artigos informavam os leitores sobre os protestos, ações legais e atividades voltadas à ampliação dos direitos democráticos para gays e lésbicas nos Estados Unidos e na Europa.

---

<sup>63</sup> TREVISAN, João Silvério. Devassos no Paraíso. A homossexualidade no Brasil, da Colônia à atualidade. 6ªed. São Paulo: Record, 2004.

<sup>64</sup> SILVA JÚNIOR, Jorge Luiz. **Guei**: nem comédia nem drama, um programa de TV contra o preconceito. Juiz de Fora: UFJF, 2004. Projeto experimental do Curso de Comunicação Social.

<sup>65</sup> A construção sócio-histórica da homossexualidade - versão Divisão de Bibliotecas e Documentação PUC-Rio. Disponível em <[http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0610578\\_08\\_cap\\_02.pdf](http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0610578_08_cap_02.pdf)>. Acesso em 01 Jun. 2019. p. 4.

<sup>66</sup> GREEN, James. Além do carnaval – a homossexualidade masculina no Brasil do século XX, São Paulo, UNESP, 2000. p. 541.



Fernando Luiz Alves Barroso<sup>67</sup>, encara essa citação como sendo positiva, por sugerir então a representação dos homossexuais na mídia fazendo paetê de sua história que teve vários enfoques no decorrer do tempo. Em relação ao enfoque tomado nas épocas precedentes e pós anos setenta, até então as publicações apresentavam cunho tradicional, pois sempre tomavam como padrão os modelos existentes na época. Assim sendo, as informações quase sempre tinham o intuito de denegrir a pessoa não heterossexual, que não constituía uma família aos moldes dos antepassados. Outro enfoque tomado e presente nos jornais dos anos 70 é o alternativo. Entende-se por alternativo, o estilo geralmente percebido como sendo externo à norma social vigente, por vezes uma subcultura ou contracultura, esses elementos são presentes nos movimentos sociais desencadeados na década de setenta em Teresina.

Apesar de ser encarado como uma prática alarmante e desrespeitosa à moral e bons costumes da família tradicional e conservadora, a prática homossexual existia há vários séculos, chamada de sodomia. A sodomia era a prática sexual entre pessoas sem o fim de procriação, incluindo sexo oral, sexo anal, sexo com contraceção, etc. As leis e opiniões desfavoráveis, estavam relacionadas à prática em si e não ao indivíduo classificado em categoria ou identidade de gênero.

Além do relacionamento homoafetivo, o relacionamento bissexual também é noticiado em O Estado em 1973, “o mais lindo romance [...] da vida” da cantora norte-americana Joan Baez que se declarava bissexual, e afirmava ter vivido com uma mulher. A bissexualidade, assim como a homoafetividade é uma prática que sempre existiu na história da humanidade, mas a classificação da sexualidade e dessa categoria identitária é recente. [...] de uma combinação de anatomia masculina e feminina, a uma suposta combinação psíquica de masculinidade e feminilidade, e a uma suposta combinação de heterossexualidade e homossexualidade<sup>68</sup>.

Similarmente ao homossexualismo, as práticas bissexuais também não eram recentes naquele período. Deduz-se que no caso de Teresina, poderia de fato ser uma prática nova, escandalizando de fato a sociedade teresinense. Entretanto, a prática bissexual remonta aos tempos antigos, mais especificamente à Idade da Pedra. Karl Mengel<sup>69</sup> apresenta quatro concepções históricas sobre a bissexualidade para situar o leitor quanto a veracidade das

---

<sup>67</sup> BARROSO, Fernando Luiz Alves. Os Homossexuais na Mídia Segundo Militantes, Acadêmicos e Jornalistas. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação: Natal, 2008.

<sup>68</sup> A construção sócio-histórica da homossexualidade - versão Divisão de Bibliotecas e Documentação PUC-Rio. Disponível em <[http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0610578\\_08\\_cap\\_02.pdf](http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0610578_08_cap_02.pdf)>. Acesso em 01 Jun. 2019. p. 25.

<sup>69</sup> MENGEL, Karl. A favor e contra a bissexualidade: livre de ambivalência erótico. Paris: O Musardine, 2009.

informações em relação ao tempo, a saber, a pederastia na Grécia Antiga, as relações entre os Samurais do Japão Antigo, a ordem de penetração e dominação na Roma antiga e os rituais dos povos indígenas.

A bissexualidade foi utilizada em três acepções do termo ao longo dos tempos. Do século XVII até o início do século XX foi usada para referir-se a pessoas cujos corpos tinham uma combinação de atributos biológicos ou anatômicos considerados masculinos e femininos, os atuais hermafroditas ou intersexuais. Próximo ao século XX, foi utilizado para mencionar pessoas com suposta combinação de masculinidade e feminilidade psicológica. Essas duas concepções sobre bissexualidade diferem pelo fato de uma referir-se inicialmente ao corpo físico, enquanto a segunda tem como foco apenas os atributos psicológicos.

O terceiro uso do termo bissexualidade foi utilizado para combinar de certa forma a heterossexualidade e homossexualidade. Esses dois termos distintos utilizados para designar o parceiro sexual biológico com quem o indivíduo se relaciona, foi criado pelo médico suíço Karoly Maria Benkert, primeiro o homossexual e depois o heterossexual, precedendo assim a classificação destes como identidades. Esse último uso do termo, é o que mais se aproxima dos termos conhecidos do Brasil. Aquele no qual o indivíduo se relaciona com pessoas do sexo oposto e também com pessoas do mesmo sexo<sup>70</sup>.

É nesse contexto que surgem as diversas identidades de gênero, ou melhor, são reconhecidas como tais e não apenas seguido rigidamente o sexo biológico pelo qual a pessoa nasce e deve seguir durante sua vida e escolha de relacionamentos sexuais e amorosos. A identidade de gênero identifica como a pessoa se vê, homem, mulher, nenhum e ambos os gêneros. Geralmente a pessoa se identifica com o sexo biológico ao qual nasce, se no corpo masculino de percebe como homem, se no corpo feminino, se sente como mulher. Mas para muitos indivíduos esse reconhecimento de corpo com a mente não acontece, podendo não se identificar como o seu corpo natural.

É a partir desse contexto que é noticiado nos jornais da década de 70, a seguinte nota de uma coluna no Jornal *O Dia* em julho de 1972:

**Esta beleza é um homem**

Os representantes do chamado terceiro sexo devem estar dando gritinhos de alegria depois de saberem que Mei-Lin Gay após submetido a cirurgia, alcançou resultados tão pioneiros que terminou representando Hong Kong no concurso Miss Mundo, não foi classificado evidentemente pelo óbvio.

---

<sup>70</sup> A construção sócio-histórica da homossexualidade - versão Divisão de Bibliotecas e Documentação PUC-Rio. Disponível em <[http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0610578\\_08\\_cap\\_02.pdf](http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0610578_08_cap_02.pdf)>. Acesso em 01 Jun. 2019. p. 26.

Há poucas informações no contexto da nota jornalística, entretanto, por informações resgatadas na rede mundial de computadores, o 21º Concurso Miss Universo ocorreu em 29 de julho de 1972, no Cerromar Beach Hotel, em Dorado, em Porto Rico. A candidata transgênero, Gay Mei-Lin foi eliminada, assim como dezenas de outras candidatas. Entretanto, a reportagem denota ironicamente que pelo óbvio, ou seja a identidade de gênero assumida pela candidata, que por não se reconhecer no sexo biológico pelo qual nasceu, foi submetido a cirurgia para a mudança, tornando-se assim mulher. Os elementos mencionados na reportagem não mencionam detalhes de classificação, assim como nos resultados das eliminatórias no Miss Mundo, dessa forma, não se pode afirmar com assertividade, que a eliminação tenha se dado pela identidade de gênero assumida pela candidata, ainda que nada impede que de fato tenha sido essa a causa.



**Figura 7.** Esta beleza é um homem

Fonte: Jornal O Dia, jul. 1973, Arquivo Público do Piauí, Casa Anísio Brito.

Havia assim em Teresina, a eclosão de novas formas de vivenciar as experiências cotidianas pela nova geração. Eles tinham em seu interior uma gama de desejos e possibilidades latentes, que se manifestavam em níveis distintos, e que conduziam a uma tentativa múltipla de se observar para além dos padrões sociais estabelecidos<sup>71</sup>. Assim, o posicionamento sobretudo das juventudes contemporâneas, acaba por ser indesejado por algumas parcelas da sociedade, a exemplo do movimento *hippie*.

O amor livre era uma das características dos hippies, termo este utilizado para representar o fim dos estereótipos homem/ mulher e a relação entre amos, bem como a rejeição ao casamento, amar a todos e a ninguém, sem alimentar o sentimento de posse pelo outro. “Os

<sup>71</sup> BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco. Torquato Neto e seus contemporâneos: vivências juvenis, experimentalismo e guerrilha semântica em Teresina. 2013

movimentos do amor livre lutaram mais fortemente contra as leis que impediam a vida em comum de um casal não casado face ao Estado ou à Igreja, bem como as que regulavam o adultério, o divórcio, a idade de consentimento, o controle de natalidade, a homossexualidade, o aborto e as leis sobre obscenidade, que limitavam o direito à discussão pública de assuntos relacionados a sexualidade”<sup>72</sup>.

O movimento *hippie* e seus adeptos, tomam como pressuposto o socialismo utópico e anarquista pacifista, de modo que “repudiavam o Estado e o capital, optando pela vida comunitária em vez do individualismo. Preferiam a natureza à fumaça das cidades, o rock ao barulho das metralhadoras, o sexo à violência da polícia, o amor à sociedade de consumo”<sup>73</sup>. Esse movimento originou-se na década anterior, como repúdio à Guerra do Vietnã, como símbolo da não-violência e se estendeu em outras épocas e espaços.

Além da filosofia adotada pelo movimento, outras características, estético – corporais, lhes eram próprias e contrárias aos moldes conhecidos. “Cabelos e barbas compridas, vestes coloridas, roupas velhas ou reaproveitadas, muitos adereços, bolsas a tiracolo. Imagem muito veiculada pela imprensa da época, em função de certo exotismo e de ser uma novidade comportamental”<sup>74</sup>.

Em depoimento concedido à Gezenilde Francisco dos Santos, Durvalino Couto Filho relembra as suas vivências na década de 70<sup>75</sup>:

*Nós éramos nessa época, todo mundo com o cabelo enorme, todo mundo tinha uma aparência de rebeldia, foi quando começou também uma tendência da gente ficar ligado à música de reação [...] A liberdade feminina era discutida em todas as revistas, a pílula anticoncepcional passou a ser uma questão também de modificação radical de costumes, inclusive começou a cogitar-se a liberdade sexual da mulher. Então começamos a fazer sexo com as nossas namoradas. Então assim, foi uma época de grandes mudanças comportamentais e políticas[...]*<sup>76</sup>

Dentre as manifestações relacionados à contracultura, o movimento *hippie* é o movimento que mais ganhou destaque. Em Teresina, esses grupos ganharam notoriedade também na mídia, pelo desconforto que causava, ainda que sempre contestando os valores

<sup>72</sup> AMOR LIVRE. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Amor\\_livre&oldid=53971195](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Amor_livre&oldid=53971195)>. Acesso em: 4 jan. 2019.

<sup>73</sup> ABRANTES, Beatriz. Movimento Hippie: entenda tudo sobre a contracultura de 1960!. 2018. Disponível em: <<https://www.stoodi.com.br/blog/2018/08/13/movimento-hippie/>>. Acesso em 10 Jun. 2019.

<sup>74</sup> KAMINSKI, Leon Frederico. “O movimento hippie nasceu em Moscou”: imaginário anticomunista, contracultura e repressão no Brasil dos anos 1970. *Antíteses*, v. 9, n. 18, p. 437-466, 2016.

<sup>75</sup> COUTO FILHO, Durvalino. Depoimento concedido à Gezenilde Francisco dos Santos. Teresina, 06 de junho de 2004.

normativos adotados. Sobre as características percebidas, o jornal *O Dia*, publica os dez mandamentos hippies, que mostram de fato, os valores contraditórios aos normalmente conhecidos.



**Figura 8.** Os 10 mandamentos dos hippies

Fonte: Jornal O Dia, 14/15 jul. 1974, Arquivo Público do Piauí, Casa Anísio Brito.

Devido a suas práticas, vistas com repúdio por boa parte da sociedade, os indivíduos pertencentes ao movimento *hippie*, o jornalismo da época também compartilhava esse pensamento, de forma que nos noticiários a sua imagem sempre protagonizava a promiscuidade sexual, pequenos crimes e contravenções<sup>77</sup>. Esse fato é evidenciado na publicação do jornal *O Estado* em 27 de outubro de 1972<sup>78</sup>, que mostra um caso policial envolvendo os *hippies*, apenas pelo fato de estarem acompanhados por quatro moças que mesmo pertencentes a uma classe social reservada e conservadores de família nobre, decidiu por encontrar com esse grupo de argentinos e brasileiros em Teresina, afim de implementarem uma viagem pelo Brasil para se aventurarem e curtir, culminando, entretanto, na detenção dos rapazes, por serem do movimento *hippie*.

Em certas ocasiões os grupos *hippies*, chegaram a ser expulsos da cidade, denotando assim a pouca tolerância às manifestações sociais implementadas a esse grupo, como pode ser verificado nas falas da *hippie* Theresa, que foi expulsa juntamente com seu grupo.

<sup>77</sup> BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco. Torquato Neto e seus contemporâneos: vivências juvenis, experimentalismo e guerrilha semântica em Teresina. 2013. p. 39.

<sup>78</sup> HIPPIES iam levar moças de Teresina. O Estado, Teresina, p. 08, 27 out. 1972.

Teresina é uma cidade quadrada, careta. Não propriamente a cidade. Refiro-me às autoridades repressoras. Não é que fomos ameaçadas de prisão e expulsa [expulsas] da capital do Piauí? Essa não! Percorremos os grandes centros urbanos do Brasil e nunca nos aconteceu quaisquer conflitos junto à polícia. Fomos expulsas da cidade. A autoridade coatora nos deu o prazo de 24 horas para a gente sumir de Teresina. Motivo? Maconha? Droga? Não sei o porquê. Teresina, uma cidade careta.

Esse relato promove uma discussão sobre a modernidade pela qual a Teresina dos anos 70 adere. Percebe-se assim, que as mudanças acontecem prioritariamente nas esferas econômicas e urbanísticas como já foi mencionado. Entretanto, os padrões comportamentais e modo de portar-se perante a sociedade permanecem rígidos e difíceis de serem dissolvidos pelos novos modelos que vão surgindo, pois, o novo no quesito da sexualidade e no comportamental da sociedade teresinense, não é visto como inovação, mas com espanto e repulsa por alguns setores da sociedade.

Não de forma geral, mas a percepção boa parte da sociedade, tradicional e patriarcalista, a repressão do governo, muito relatada nesse período e a imparcialidade da mídia, todavia, não foram suficientes para barrar as mudanças sociais que estavam sendo desencadeadas naqueles anos. Em Teresina, assim como já ocorria no Brasil, foram inícios de novos tempos a serem muito noticiados pela mídia jornalística e os demais meios de comunicação. A partir de então, a mulher assume novos espaços, o homem, modifica sua postura amenizando seus traços toscos e grosseiros. Novas identidades de gênero são percebidas, a sexualidade ganha novos significados, para além do sexo biológico.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao questionar e traçar as características dos modelos sociais sobre o comportamento masculino e feminino na década de 70, percebe-se que ele se manteve desde décadas passadas. Havia a cada geração a reprodução dos comportamentos das gerações anteriores e sua padronização ao homem e à mulher, que sempre foram designados numa relação de hierarquia, na qual o homem era detentor da obediência e ordem, enquanto que a mulher estava numa posição de inferioridade, no máximo cumprindo papéis secundários quanto ao lar e a família.

Essa condição de inferioridade da figura feminina perante ao homem e a sociedade, foi estabelecida em um passado distante sem precedentes exatos e contabilizados na história das relações de gênero. Dessa forma, o recorte temporal da década de setenta, foi pertinente ao estudo em questão, porque no Brasil, representou um período de transição, de quebra de paradigmas, mais que isso, a ousadia em ir contra o sistema vigente, à sociedade em ascensão urbana e capitalística, aos dogmas e preceitos religiosos embaixadores de condutas e estilos de vida extremamente conservadores.

As determinações acerca das questões de gênero masculino e feminino, bem como as atribuições e papéis desempenhados pelo homem e mulher, podem ser reconhecidas facilmente nos jornais veiculados pela imprensa teresinense no início dos anos 70. Pela análise de algumas colunas, o conteúdo da informação e sobre os personagens envolvidos é possível perceber dentro do contexto social da época que o espaço de dominação era prioritariamente masculino. Às mulheres, ainda que noticiadas, tinham no conteúdo da publicação o tom de rebaixamento, depreciação da imagem e subestimação da sua capacidade de pensar. Essas características nada mais eram do que a representação real da mulher no cotidiano e na sociedade em geral.

Ainda nas análises dos recortes jornalísticos sobre os padrões de comportamentos, a construção dos moldes femininos e masculinos nesse período, foram fortemente influenciados pelo contexto político vivenciado pelo país, de militarização imposta pelo regime. Admiravelmente, é nesse período de repressão e censura em que há o despertar de uma parcela da sociedade para os novos padrões que divergia completamente do esperado pelas famílias tradicionais e conservadoras. Por meio de movimentos em prol da liberdade de expressão e de gênero, de questionamento dos padrões impostos deliberadamente e sem contestação dos estereótipos, desenvolveu-se a mudança dos padrões da década de setenta, dando abertura a novas formas de representação, novos modelos de masculinidade, a mulher e seu protagonismo nos espaços sociais, novas identidades de gênero identificadas e vivenciadas, ainda que de

conquistada de forma árdua e contestada pela ala conservadora da sociedade, que os acusavam de propagadores de desordem.

No referente às questões fronteiriças existentes sobre as questões de gênero, estas já estavam delimitadas e determinadas há muito tempo. Sempre houve, até então, as atribuições do homem e seu papel na sociedade e na família, como provedor e chefe, assim como também as atribuições da mulher, como mãe, esposa, dona de casa, sem reflexo algum na sociedade, apenas um ser à sombra da figura masculina e diminuída aos sinônimos de sensibilidade, doçura e afabilidade. Os movimentos femininos ou feministas iniciados nos anos 60, teve seu grande reflexo na década de 70, de forma que encorajou as mulheres em todas as regiões a assumirem seu papel e mostrar sua capacidade, sobretudo intelectual, com a liberdade que foram adquirindo. Essa mudança em relação a escolha do estilo de vida a que quisesse seguir e a realização do mesmo, já denota um alargamento das fronteiras existentes entre o mundo masculino e o mundo feminino.

A sexualidade assumida pelas pessoas também variou em Teresina, além do tradicional, novas formas de relacionamento surgiram. Além do relacionamento entre homem e mulher, homens passaram a se relacionar com homens e mulheres com mulheres, caracterizando os casais homossexuais. Não que não existiam, mas que houve a melhor oportunidade para que o relacionamento viesse a público. Da mesma forma os relacionamentos bissexuais passaram a existir, várias teorias conspiraram quanto aos fatores desencadeadores dessa relação afetiva, entretanto, não apenas os estudos acerca do tema foi realizado, mas também o julgamento desenfreado e de cunho difamatório acerca dos indivíduos que encontravam nessa posição.



## FONTES

Jornal O Dia, 12 out. 1972, Arquivo Público Casa Anísio Brito  
Jornal O Dia, 6 jul. 1964, Arquivo Público do Piauí, Casa Anísio Brito.  
Jornal Folha da manhã, jun. 1963, Arquivo Público do Piauí, Casa Anísio Brito  
Jornal O Dia, 14/15 jul. 1974, Arquivo Público do Piauí, Casa Anísio Brito  
Jornal O Dia, 07/08 jan. 1973, Arquivo Público do Piauí, Casa Anísio Brito.  
Jornal O Dia, 197?, Arquivo Público do Piauí, Casa Anísio Brito.  
Jornal O Dia, jul. 1973, Arquivo Público do Piauí, Casa Anísio Brito.  
Jornal O Dia, 14/15 jul. 1974, Arquivo Público do Piauí, Casa Anísio Brito.

## REFERÊNCIAS

ABRANTES, Beatriz. Movimento Hippie: entenda tudo sobre a contracultura de 1960!. 2018. Disponível em: <<https://www.stoodi.com.br/blog/2018/08/13/movimento-hippie/>>. Acesso em 10 Jun. 2019.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **“Quem é Frouxo não se Mete”**: Violência e Masculinidade como Elementos Constitutivos da Imagem do Nordeste. São Paulo: Proj. História, 1999.

AMOR LIVRE. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Amor\\_livre&oldid=53971195](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Amor_livre&oldid=53971195)>. Acesso em: 4 jan. 2019.

ARAÚJO, Karlene Sayanne Ferreira; NASCIMENTO, Francisco Alcides do. A CAPITAL DO PIAUÍ NA DÉCADA DE 1970: TERESINA SONHADA, CONSTRUÍDA E VIVIDA PELOS POBRES URBANOS. VI Simpósio Nacional de História Cultural. Escritas da história: Ver – Sentir – Narrar. Universidade Federal do Piauí: Teresina, 2012.

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. Fontes Históricas. 2ª ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Conexto, 2008.

BARCELOS, J.D.M. (Con)sumindo a diferença: a homossexualidade entre a visibilidade e a massificação. 1998. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Departamento de psicologia, PUC - Rio, Rio de Janeiro, 1998.

BRANDÃO, Laura Lene Lima. **“Cada palavra guarda uma cilada”**: literatura, contracultura e juventude no Piauí na década de 1970. Veredas da História, [online]. Ano V, Edição 1, 2012, pp. 1-16. ISSN 1982-4238

BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco. Torquato Neto e seus contemporâneos: vivências juvenis, experimentalismo e guerrilha semântica em Teresina. Universidade Federal do Piauí: Teresina, 2013.

BASSANEZI, Carla. **Virando as páginas, revendo as mulheres**: relações homem-mulher e revistas femininas (1945-1964). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

CARDOSO, Elizangela Barbosa. Identidades de gênero, amor e casamento em Teresina (1920-1960). Tese, UFF, Niterói, 2010. Disponível em: [www.historia.uff.br/stricto/td/1218.pdf](http://www.historia.uff.br/stricto/td/1218.pdf) em 29 de agosto de 2017.

\_\_\_\_\_, Elizangela Barbosa. Moças de família e códigos de sexualidade na primeira metade do século XX em Teresina/PI. *Dimensões*, v. 36, jan.-jun. 2016, p. 31-54. ISSN: 2179-8869

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. **História e Masculinidade**: a prática escriturística dos literatos e as vivências masculinas no início do séc XX. Teresina: EDUFP, 2008.

\_\_\_\_\_, Pedro Vilarinho. “Catolicismo e relações familiares: a redefinições das identidades de gênero no Brasil no alvorecer do século XX”. In: NASCIMENTO, F. A VAINFAS, R. *Historia e Historiografia*. Recife: Bagaço, 2006. p.19.

CASTRO, Nilsandra Martins de. Algumas considerações acerca da identidade gênero e sexualidade na educação infantil. **ENTRELETRAS**, Araguaína/TO, v. 4, n. 1, p. 35-47, jan./jul. 2013.

CASTRO, Talita Kamache Rodrigues Lima de. Entre memórias: a modernização da cidade de Teresina e as políticas públicas de saúde (1971-1975). XII Encontro Nacional de História Oral: UFPI, 2014. Disponível em: <[https://www.encontro2014.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1397516417\\_ARQUIVO\\_Entrememorias.pdf](https://www.encontro2014.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1397516417_ARQUIVO_Entrememorias.pdf)>. Acesso em: 26 Mai. 2019.

COUTO FILHO, Durvalino. Depoimento concedido à Gezenilde Francisco dos Santos. Teresina, 06 de junho de 2004.

DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. 2. ed. — São Paulo: Contexto, 2006.

DIAS, Lucy. *Enquanto corria a barca: anos de chumbo, piração e amor – uma reportagem subjetiva*. Editora Senac São Paulo, 2001.

DINIS, Nilson Fernandes. Educação, relações de gênero e diversidade sexual. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 29, n. 103, p. 477-492, maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Data de acesso: 12 jul. 2017.

DOMINGUES, Sara Mariana Vieira Ferreira. **As abordagens preventivas aos comportamentos desviantes**: o caso de uma intervenção de base territorial. Universidade Católica Portuguesa: Faculdade de Ciências Humanas, 2015.

FERREIRA, Guilherme Gomes; AGUINSKY, Beatriz Gershenson. **Movimentos sociais de sexualidade e gênero**: análise do acesso às políticas públicas. *R. Katál.*, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 223-232, jul./dez. 2013.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 5ª Edição. p. 202, 2001.

GONCALVES, Eliane. Nem só nem mal acompanhada: reinterpretando a "solidão" das "solteiras" na contemporaneidade. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 189-216, Dec. 2009.

GROSSI, Miriam Pillar. Identidade de gênero e sexualidade. Antropologia em primeira mão, Florianópolis, UFSC/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, nº 26, p. 29-46. 1998.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos.** Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. 2012.

KAMINSKI, Leon Frederico. “O movimento hippie nasceu em Moscou”: imagin anticomunista, contracultura e repressão no Brasil dos anos 1970. *Antíteses*, v. 9, n. 18, p. 446-466, 2016.

LEITE, Carolina Alves. **A construção da identidade feminina em Teresina: o feminismo como resposta à representação da mulher-mãe.** XIX Encontro Internacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero: UFSE, 2016.

Lewis, Elizabeth Sara; Bastos, Liliana Cabral (orientadora). **“Não é uma fase”: construções identitárias em narrativas de ativistas LGBT que se identificam como bissexuais.** Rio de Janeiro, 2012. 267p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

LOURO, Guacira Lopes. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. Formação Docente–Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores, v. 3, n. 4, 2011.

\_\_\_\_\_, Guacira Lopes. Gênero: questões para a educação. In: BRUSSCHINI, Cristina; UNBEHAUM, Sandra G. (orgs.). Gênero, democracia e sociedade brasileira. São Paulo: FCC; Ed. 34, 2002.

MENGEL, Karl. A favor e contra a bissexualidade: livre de ambivalência erótico. Paris: O Musardine, 2009.

NERI, Regina. **A psicanálise e o feminino: um horizonte da modernidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

Pe. VERSSEM, Guilherme. Aos noivos. In: O Dominical. Teresina, 30 de dezembro de 1951.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar 1890–1930.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. Os prazeres da noite. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930), 2014.

Rago, Luzia Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções subjetividade.** Editora da UNICAMP, 2013.

Revista Eletrônica Virtual. Disponível em: < <http://www.ojs.ufpi.br/> > acesso, 09 de março de 2016.

SANTANA, Márcia Castelo Branco. **Discursos, desejos e tramas: o comportamento feminino em Teresina nos anos 70 do século XX.** 2008. 152 p. Dissertação (Mestrado em

História do Brasil) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina.

SANTOS, Maria Aparecida Conceição Mendonça; SALES, Vera Lúcia Rolim. **O fenômeno da histeria e a visão da sexualidade feminina na literatura:** realismo/naturalismo europeu. Rev. Interd. em Cult. e Soc. (RICS), São Luís, v. 2, n. 1, p. 109-126, jan./jun. 2016

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade.** Porto Alegre, vol. 20, n. 2, p.71-99, 1995.

\_\_\_\_\_, SCOTT, Joan Wallach. O enigma da igualdade. Estudos feministas: Florianópolis 2005.

SILVA JUNIOR, Carlos Alberto Ferreira da; OLIVEIRA FILHO, Valdinar da Silva. **Da mulher rendeira à mulher sendeira:** práticas do Gênero feminino. II Encontro Internacional de História, Memória, Culturas e Oralidade: UECE, 2014. Disponível em: <[http://www.uece.br/eventos/2encontrointernacional/anais/trabalhos\\_completos/138-27923-07112014-133313.docx](http://www.uece.br/eventos/2encontrointernacional/anais/trabalhos_completos/138-27923-07112014-133313.docx)>. Acesso em: Novembro 2017.

SILVA JÚNIOR, Jorge Luiz. **Guei:** nem comédia nem drama, um programa de TV contra o preconceito. Juiz de Fora: UFJF, 2004. Projeto experimental do Curso de Comunicação Social.

SILVA, Paulo Ricardo Muniz; BRANCO, Adwar de Alencar Castelo. Dissonâncias saborosas: As identidades juvenis em Teresina entre a Cajuína e a Coca-Cola. **Contraponto**, v. 2, n. 2, p. 52, 2013.

SIMÕES, M. Comportamentos de Risco na Adolescência. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian & Fundação para a Ciência e Tecnologia (Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas), 2007.

SOUSA, Noélia Alves de. Sábias mulheres: uma investigação de gênero sobre parteiras no sertão do Ceará. (1960-2000). 2007. Tese de Doutorado. Tese de Doutorado. UFRJ.

SOUSA, Simone; NEVES, Frederico de Castro (orgs.). Gênero. Coleção Fortaleza: História e cotidiano. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

SOTER, Sofia. **Para sempre Cassandra:** O mito da histeria feminina. 2015. Disponível em: <<http://www.revistacapitolina.com.br/para-sempre-cassandra-histeria-feminina/>>. Acesso em 01 Jun. 2019.

SOUSA, Paula Poliana Olimpio de Melo. **MASCULINIDADES DESCENTRADAS:** Confusão de gêneros nas práticas juvenis teresinenses na década de 1970. Universidade Federal do Piauí, 2015.

SWAIN, Tânia Navarro. **Heterogênero:** “Uma categoria útil de análise”. Educar, Curitiba, n. 35, p. 23-36, 2009. Editora UFPR.

TREVISAN, João Silvério. Devassos no Paraíso. A homossexualidade no Brasil, da Colônia à atualidade. 6ªed. São Paulo: Record, 2004.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

**Identificação do Tipo de Documento**

- ( ) Tese  
( ) Dissertação  
( **X** ) Monografia  
( ) Artigo

Eu, **Keylane Ramos dos Santos**, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação **Identidade de gênero masculino e feminino a partir dos jornais de Teresina na década de setenta do século XX** de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 07 de Janeiro de 2020.

*Keylane Ramos dos Santos*

---

Keylane Ramos dos Santos